



Luís Augusto Evangelista

Juca Kfourí – Jornalista, advogado ou simplesmente torcedor:
análise de discurso da coluna do jornal *on-line* Lancenet

Brasília-DF, 2004



Luís Augusto Evangelista

Juca Kfoury – Jornalista, advogado ou simplesmente torcedor:
análise de discurso da coluna do jornal *on-line* Lancenet

Monografia apresentada para a conclusão do curso de
jornalismo de jornalismo. Orientador: Paulo Roberto Assis
Paniago

Brasília-DF, 2004

Monografia apresentada aos professores do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Ciências Sociais e aplicadas – FASA, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, para obter o título de Bacharel em Comunicação Social em Jornalismo.

Aprovada por:

Prof. Paulo Paniago

Prof. Alberto Lima

Profª. Renata Lú

Agradecimentos

Aos meus pais e amigos que estiveram sempre ao meu lado ao longo destes quatro anos. A eles meu muito obrigado.

RESUMO: Analisa os textos que compõem a coluna do jornalista Juca Kfuri no jornal esportivo eletrônico *Lancenet* e que foram publicados entre os dias 10 de agosto e 30 de setembro de 2004. Observa a estrutura da coluna, tipo de discurso, interdiscurso, intertextos presentes na fala, marcas discursivas, propriedades discursivas, lugar de fala e personagens-paradigmas. Pode se perceber que a coluna esportiva goza de uma liberdade tanto no âmbito da opinião quanto no discurso adotado pelo jornalista. Além disso, percebe-se que o colunista realiza a função de *gatekeeper* ao eleger os personagens-paradigmas. Utiliza-se metodologia baseada em pesquisa bibliográfica e análise de discurso.

Palavras – chave: coluna; liberdade; discurso

“Pela minha paixão pelo futebol, eu fui trabalhar como jornalista esportivo. Pela minha paixão pelo futebol, eu comecei a me desencantar com o que vi no submundo. E entendi que era dever meu dizer para as pessoas, para o cidadão, o torcedor, como as coisas são, para ele não ser enganado.” (Juca Kfoury)

Sumário

Introdução.....	09
Metodologia.....	11
1. Jornalismo Esportivo.....	14
1.1. Jornalismo Esportivo no Brasil.....	15
1.2. Das crônicas apaixonadas às colunas esportivas	16
1.3. A carreira.....	18
1.4. A cobertura esportiva.....	20
1.4.1. A cobertura dos veículos impressos.....	20
1.4.2. A cobertura das redes de TV.....	21
1.4.3. A cobertura das emissoras de rádio.....	22
1.4.4. A cobertura da Internet.....	23
1.5. O sobrevivente.....	24
2. Jornalismo <i>on-line</i>	26
2.1. Evolução da Internet.....	26
2.1.2. Evolução da Internet no Brasil.....	27
2.2. Jornalismo <i>on-line</i> no Brasil.....	27
2.3. Conceitos.....	28
3. Juca Kfourri.....	33
3.1. A paixão pelo esporte.....	34
3.2. Os processos.....	35
3.3. “Juca sem medo”.....	36
3.4. O jornalismo esportivo, segundo Juca Kfourri.....	38
4. Análise de Discurso.....	40
4.1. Textos.....	40
4.2. Discurso.....	41
4.3. Interdiscurso.....	43
4.4. Intertextualidade.....	44
4.5. Marcas Discursivas.....	46
4.6. Propriedades Discursivas.....	48
4.7. Lugar de Fala.....	50

4.8. Personagens-paradigmas.....	54
Conclusão.....	56
Referências Bibliográficas.....	58
Anexos.....	61

Introdução

Este trabalho propõem-se a analisar a coluna do jornalista esportivo Juca Kfourri no jornal esportivo on-line *Lancenet*, baseando-se em uma amostra de 27 colunas produzidas entre os dias 10 de agosto e 30 de setembro de 2004.

A análise de um gênero do jornalismo opinativo ligado ao esporte se faz necessário na medida que não só no Brasil, mas em todo o mundo, o esporte é utilizado para demonstrar a supremacia de uma nação sobre outra, ao mesmo tempo que constrói ídolos que são considerados modelo a ser seguido pelos torcedores.

As Olimpíadas de 1936, disputadas em Berlim, Alemanha, foram utilizada por Adolfe Hitler, ditador nazista, para demonstrar a superioridade da raça ariana sobre outros povos. Durante o auge da Guerra Fria, nos anos 80 do século passado, Estados Unidos e União Soviética fizeram das competições esportivas campo de batalha em busca de provar qual sistema econômico era melhor, socialismo ou capitalismo. Esses dois países faziam dos atletas máquinas de competições, que a cada medalha pareciam provar a soberania de um país sobre o outro.

Desta maneira, os jornalistas que expressam opinião sobre assuntos referentes ao esporte, ocupam posição de destaque, já que são eles que validam por meio de juízo de valor (bom ou ruim), quem merece a atenção ou não, quem realmente defende o país ou, simplesmente, é atleta comum, na maioria das vezes, indo de encontro à opinião do torcedor, possível leitor dos textos.

A escolha do gênero opinativo se deve ao fato deste permitir que o autor se utilize de um texto mais leve. O julgamento de valor predomina e os textos sempre apresentam comentário. A opção por uma coluna de jornal eletrônico se deve ao fato da modalidade estar em ascensão no país. Aliado a isso, existe a questão da importância que os jornais vem dispensado aos noticiários esportivos nos últimos anos (ERBOLATO, 1981, p. 14).

A coluna do jornalista Juca Kfourri foi escolhida como base do trabalho devido a notoriedade e experiência de quase 40 anos vividas por Kfourri no âmbito do jornalismo esportivo. Além disso, aspectos relevantes à formação acadêmica (Ciências Sociais) fazem com que o jornalista se interesse por assuntos extracampo, como política, por exemplo, o que propicia à coluna uma gama de assuntos bem variados.

Assim, esta pesquisa pretende identificar quem são os personagens-paradigmas (pessoas que são colocadas em evidência pelos colunistas) dentro de uma coluna esportiva,

que tipo de discurso os jornalista Juca Kfori utiliza, quais os elementos que constituem esse discurso. Até que ponto dentro do discurso proclamado por ele é possível distinguir o profissional (jornalista) do torcedor Juca Kfourri, que é apaixonado por esportes. Além disso, aspectos como a atenção dispensada a outras modalidades e o lugar de fala que o jornalista esportivo assume serão levados em consideração na construção desse trabalho.

Entretanto, para o entendimento da análise é preciso compreender alguns aspectos. Por isso, conceitos de jornalismo on-line e esportivo serão abordados antes da análise, assim como uma pequena biografia do jornalista Juca Kfourri, de maneira que o leitor possa identificar algumas características que são fundamentais para o entendimento da construção do discurso utilizado por Kfourri.

Metodologia

O primeiro passo para a realização deste trabalho foi a definição do tema e a posterior delimitação do tema por meio de uma pesquisa exploratória que permitiu esclarecimentos acerca do tema escolhido e qual a melhor maneira de conduzir o trabalho. Esse estágio envolveu conversa com professores, levantamento bibliográfico e análise de exemplos que facilitaram o entendimento do tema proposto.

“Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.” (GIL, 2002, p. 41)

A segunda etapa deste trabalho consiste na pesquisa bibliográfica. Durante essa etapa, várias obras foram analisadas e exploradas na busca de informações e conceitos que validam os dados contidos no trabalho, além de direcionar o caminho a ser seguido durante o desenvolvimento do mesmo.

“A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos. (...) boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisa bibliográfica. As pesquisas acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.” (GIL, 2002, p. 44)

A pesquisa bibliográfica é a única maneira de se atingir uma vasta quantidade de informações sobre um mesmo assunto, de maneira a comparar os dados contidos em cada obra. Assim, ampliando as possibilidades de informações que são utilizadas na construção da tese. Além disso, ela facilita a obtenção de informações históricas relevantes ao desenvolvimento do trabalho.

“A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. (...) A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos.” (GIL, 2002, p. 45)

A pesquisa bibliográfica serviu para reunir informações sobre as três modalidades de jornalismo envolvidos nesse trabalho: opinativo, *on-line* e esportivo. Além disso, informações

acerca do jornalismo praticado no Brasil no início do século passado, bem como teorias do jornalismo contemporâneo foram levantadas, de maneira que se possa construir o embasamento suficiente para que o leitor compreenda a análise.

Os dados obtidos na pesquisa bibliográfica possibilitou o entendimento de como uma coluna que se refere exclusivamente a assuntos relacionados ao esporte é construída através do discurso do colunista que a assina.

A terceira etapa consiste na construção do *corpus* de trabalho. Levando-se em conta que a coluna, normalmente, é publicada três vezes por semana, e que para a produção de uma análise de discurso de qualidade era necessário uma grande quantidade de textos, o material a ser analisado foi apurado ao mesmo tempo em que a pesquisa bibliográfica era realizada.

Entre os dias 10 de agosto e 30 de setembro de 2004, o que equivale a 52 dias, foram analisados 27 textos, que constituíram a base de interpretação do trabalho, que visa encontrar respostas para as questões levantadas nessa pesquisa de maneira qualitativa.

Esse tipo de análise se torna importante à medida que ele permite analisar o discurso, o qual é entendido como social e historicamente construído, ou seja, produto de práticas discursivas específicas. ele passa pelo psicológico, pelo social e pelo domínio da ideologia (Orlandi, 1988, p. 18).

A análise de discurso será a quarta etapa do trabalho. Ela será utilizada para identificar quem são os atletas considerados personagens-paradigmas dentro de uma coluna esportiva, qual o tipo de discurso utilizado pelos jornalistas esportivos, quais os elementos que constituem esse discurso, qual o lugar de fala que o jornalista esportivo assume, quais ideologias estão envolvidas, quais os outros discursos que influenciam a fala do autor entre outros.

A identificação desses aspectos será possível, tendo em vista que a fala do sujeito está diretamente relacionada à vivência que apresenta sobre determinado assunto. A identificação do tipo de discurso e das condições de produção, duas funções da análise de discurso, serão fundamentais no processo de compreensão do discurso.

“Cada tipo de texto tem seus próprios propósitos sociais ou culturais. Dependendo do propósito, ocorre uma combinação característica de propriedades lingüísticas ou textuais. As propriedades textuais freqüentemente incluem um número típico de falantes (comumente um ou dois), um certo tipo de registro e um certo canal de produção.” (DOOLEY, LEVINSOHN, 2003, p. 19)

A análise discurso não visa apenas interpretar o que foi dito, ela vai além. Ela trabalha com limites e mecanismos para facilitar o processo de significação.

“A análise de discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma ‘chave’ de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender.” (ORLANDI, 1999, p. 26)

Na busca de sobrepor-se aos limites da interpretação, a análise de discurso transforma a compreensão em elemento fundamental para o sucesso do trabalho.

“Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc.) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já se está preso em um sentido. A compreensão procura a explicação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam ‘escutar’ outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem.” (ORLANDI, 1999, p. 26)

Com isso, a análise de discurso será a etapa mais trabalhada nesta pesquisa. Isto porque, a compreensão do que está explícito e implícito nos textos, de maneira que as respostas às questões propostas possam ser respondidas depende, diretamente, do bom desenvolvimento desse tipo de análise. Só com a total exploração dos mecanismos pertinentes é que os lugares de fala, os intertextos, as marcas discursivas, entre outros aspectos puderam ser identificados.

1 – Jornalismo Esportivo

Discutir jornalismo esportivo no Brasil é o mesmo que dialogar sobre a importância das modalidades esportivas no país. O esporte brasileiro resume-se praticamente a uma única palavra: futebol. Esse esporte é o que desperta maior atenção dos brasileiros. No princípio, era

praticado apenas pelas elites em clubes fechados. No entanto, pouco a pouco o futebol democratizou-se e o povo passou a praticar o esporte nas ruas, calçadas, nos campos de pelada, sendo possível encontrar praticantes em todas as partes do país.

Assim, a cobertura esportiva tanto nos jornais e revistas especializados em esporte, quanto nos veículos convencionais que cedem apenas parte do espaço ao assunto, dedicam a maior parte do noticiário ao futebol, restando as outras modalidades parcela bem menor. Essa situação só se modifica em ano de Olimpíadas, ou quando alguma outra modalidade conquista um resultado expressivo, o que faz com que ela se torne notícia por alguns dias e acabe se sobrepondo ao futebol na questão da divulgação.

O jornalismo esportivo no Brasil, assim como ocorreu com o esporte, percorreu caminho árduo até conquistar destaque nos veículos de comunicação. “O esporte das primeiras décadas do século XX, não era considerado importante, e o noticiário limita-se a anunciar as disputas e a dar resultados, tudo no máximo de dez ou vinte linhas para cada competição” (ERBOLATO, 1981, p. 14).

Passado um século, os esportes atingiram notoriedade a partir do momento que perderam seu valor lúdico e ganharam características de espetáculo, tornando-se de interesse público. Os meios de comunicação detectaram a importância de dedicar-se à cobertura esportiva, independentemente da modalidade.

Com isso, a evolução da cobertura esportiva tornou-se crescente. Jornais tradicionais passaram a dedicar mais espaços aos cadernos esportivos. As matérias de esporte passaram a aparecer frequentemente na primeira página, não só como chamada, mas também como manchete.

Outro fator que fez a cobertura esportiva tornar-se parte integrante dos jornais foi a questão do profissionalismo. A partir do momento que os atletas passaram a ser tratados como profissionais, o esporte de rendimento fez com que eles se preocupassem apenas com os resultados. Com isso, a imprensa foi fundamental no desenvolvimento desse conceito, pois passou divulgar apenas os atletas e modalidades que atingem bons resultados.

Hoje, o esporte é tratado com interesse tanto pelos veículos impressos, quanto pelos audiovisuais. As emissoras de rádio no interior, por exemplo, não se preocupam em transmitir as notícias gerais da cidade, mas mantêm equipes de repórteres para obter novidades dos clubes locais ou para analisar as informações divulgadas pelas estações da capital ou das cidades vizinhas. (ERBOLATO, 1981, p. 14)

1.1 – Jornalismo Esportivo no Brasil

No início das coberturas esportivas, poucas pessoas acreditavam que o futebol fosse se consolidar como esporte nacional. Com isso, ser motivo de manchete parecia um sonho. Nem mesmo o remo, esporte mais tradicional do país no início do século passado, merecia tal destaque.

A importância jornalística do esporte começou a ser notada no princípio do século XX. No ano de 1910, em São Paulo, o jornal *Fanfulha* apresentava páginas de divulgação esportiva. “Não se tratava de periódico voltado para as elites, não formava opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na São Paulo da época: Os italianos.” (COELHO, 2003, p. 8).

No Rio de Janeiro, o primeiro periódico voltado unicamente para o jornalismo esportivo surge na década de 30 do século passado. O *Jornal dos Sports* foi o primeiro a encarar a realidade e fazer das modalidades esportivas único e mais importante conteúdo. Nesta época, o estado impulsionava o país. Os jogos entre os grandes clubes, Vasco, Flamengo, Fluminense e Botafogo, além dos pequenos, porém tradicionais Bangu e América, agitavam os noticiários esportivos.

No entanto, só isso não bastava para fazer dos diários esportivos um sucesso. A elite constitui a minoria dos leitores desses periódicos, logo, a venda desse tipo de publicação fica comprometida. Isto porque as classes menos abastadas da sociedade, principal consumidor de jornais esportivos, não tem a leitura como necessidade primária. As notícias sobre seu esporte favorito ou sobre o clube de coração só são lidas quando sobra um trocado.

“Durante todo século passado, dirigir uma redação esportiva queria dizer lutar contra a sociedade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significa também menor poder cultural e conseqüentemente ler não consta de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto.” (COELHO, 2003, p. 9)

Por causa de todos esses obstáculos durante o século passado, várias revistas e jornais especializadas no assunto surgiram e desapareceram. A *Revista do Esporte* e o *Jornal* foram alguma das publicações que se perderam no tempo.

Contudo, a partir da década de 60, muitos dos jornais de cobertura tradicional não especializada passaram a investir em cadernos de esportes. Isso colocou o Brasil entre os países que possuem uma extensa imprensa esportiva.

1.2 – Das crônicas apaixonadas às colunas esportivas

O esporte dentro do jornalismo, talvez ainda hoje, seja a área de atuação que proporciona as matérias com maior número de juízo de valor. Nelson Rodrigues, grande escritor brasileiro, foi responsável por belíssimas crônicas esportivas, mesmo em algumas delas narrando situações de maneira inequívoca, isto porque ele era míope. Mário Filho, irmão de Nelson Rodrigues, foi outro que escreveu páginas e mais páginas relatando a paixão pelo futebol. O entusiasmo de Mário Filho transcendeu as crônicas. Ele foi o fundador do *Jornal dos Sports*.

No entanto, a imprecisão dos fatos e os adjetivos que faziam mortais tornarem-se mitos da noite para o dia diminuem bastante após os anos 70. Talvez por isso, jogadores como Bebeto, Romário e Ronaldo “Fenômeno” nunca atingirão o grau olímpico conquistado por Tostão, Gerson, Carlos Alberto Torres, que sem dúvida foram jogadores fantásticos, porém, possivelmente, de igual talento aos anteriormente citados.

A figura do cronista esportivo, hoje, já não representa a mesma importância de décadas passadas. A paixão que supera a razão, na maior parte das vezes, fica a cargo do leitor-torcedor. Entretanto, a profissão não se extinguiu, ela apenas mudou os moldes. Atualmente, os cronistas esportivos constroem seus textos com base em dados e estatísticas, além de informações extracampo que dão o tom de imparcialidade ao texto.

Em sua maioria, os profissionais que escrevem crônicas são jornalistas que atingiram notoriedade na profissão, ou ex-atletas que de alguma maneira conquistaram respeito e espaço na mídia. Esses especialistas divulgam seus pensamentos em textos ou em pequenas notas que são reproduzidas em colunas, que quase sempre recebem o nome dos autores, no intuito de garantir notoriedade.

Muitos veículos especializados ou que apenas dedicam parte do espaço ao esporte, apostam em nomes consagrados como Juca Kfoury, Tostão, Nilton Santos, Flávio Prado, Reginaldo Leme, Ricardo Maurício Prado, entre outros, para compor o quadro de colunistas, criando assim um diferencial, ao mesmo tempo em que fideliza o leitor que acaba se identificando com determinado autor.

A coluna, que é um gênero opinativo dentro do jornalismo, é utilizada por esses profissionais para reproduzir os textos. José Marques de Melo (1994, p.135) afirma que o colonismo na imprensa brasileira dá margem a ambigüidades. Segundo ele, há uma tendência geral de se chamar de coluna toda seção fixa. Partindo dessa noção, a coluna abrange então o comentário, a crônica e até mesmo a resenha.

De acordo com Marques de Melo, historicamente o colonismo floresce no Brasil na década de 50. Antes disso, os jornais tinham suas seções, mas elas se restringiam apenas à vida social, ao ambiente da alta sociedade, e não tinham o dinamismo e a importância que assumiram depois desta década. Para Melo, as colunas cumprem hoje uma função que foi peculiar ao jornalismo impresso antes do aparecimento do rádio e da televisão: o furo. Isso é possível, porque nesse gênero jornalístico procura-se citar fatos e idéias em primeira mão, antecipando-se à sua apropriação pelas outras seções dos jornais, quando não funciona como fonte de informação.

Originalmente, a coluna era uma matéria cuja extensão não ultrapassava mil palavras, coincidindo com a medida da coluna do jornal standart (29,7 cm x 54 cm). Depois começou a variar, reduzindo-se para 800 ou até 500 palavras. A diagramação das colunas também foi modificada. Hoje, elas são em sua maioria diagramadas horizontalmente, numa posição fixa e mantêm um título ou cabeçalho constante para facilitar a localização do leitor.

O gênero brasileiro origina-se no jornalismo norte-americano. O mestre do colonismo brasileiro, Ibrahim Sued, também sofreu influências de colonistas norte-americanos. De acordo com José Marques de Melo, a coluna de Sued é uma escola e continua a influenciar muitos seguidores que o reproduzem em jornais de todo país.

As colunas, do ponto de vista estrutural, são um complexo de mini- informações, os fatos são relatados com muita brevidade e até com comentários rápidos sobre a situação emergente. Aparentemente, ela tem caráter informativo registrando apenas o que ocorre na sociedade. Mas, na prática, é uma seção que emite juízos de valor, com sutileza ou de modo ostensivo. Segundo Marques de Melo, este gênero tem caráter levemente persuasivo. Não se limita a emitir uma simples opinião. Vai mais longe: conduz os que formam a opinião pública veiculando versões dos fatos que lhe darão contorno definitivo.

A coluna esportiva assinada pelo jornalista Juca Kfourri no jornal eletrônico *Lancenet*, e que será analisada no quarto capítulo, assim como a maioria das outras colunas voltadas ao esporte, é centralizada em pessoas e equipes que se destacam dentro do esporte.

Nesse tipo de coluna, o autor narra os acontecimentos esportivos e faz breves comentários emitindo juízos de valor. Desse tipo de coluna centralizada em personalidades, surge o fenômeno social que Edgar Morin chama de olimpismo moderno. Isso significa que essas colunas, ao privilegiar o universo de novos deuses criados pela indústria cultural, como cantores, atores, escritores, desportistas, governantes etc. sugerem a imitação dos modos para a sociedade. Como nem todos têm oportunidades e condições para atingir o cume da pirâmide social, os cidadãos barrados economicamente no portão do “paraíso burguês” contentam-se apenas em idolatrar mitos, projetando-se nas suas realizações. José Marques de Melo afirma que exatamente por essa polarização de poder que adquire, o colunista extrapola a sua atuação profissional como jornalista. Deixa de ser um mero observador da realidade para registrá-la e valorá-la, assumindo papel de promotor social. Nessa fase, é que o jornalismo e a comercialização se envolvem profundamente e até se confundem.

Neste cenário de olímpianos, o próprio colunista se torna um personagem-paradigma, pois as pessoas passam a ler seus textos porque dizem respeito aos assuntos que lhes interessam.

Desta maneira, as crônicas apaixonadas que se preocupavam apenas com a arte do espetáculo praticamente se extinguíram. Em seu lugar surgiram as colunas assinadas por grandes jornalistas esportivos e por pessoas envolvidas diretamente no esporte. Nessas publicações, o juízo de valor ainda impera, no entanto a preocupação em dar um tom imparcial aos comentários é evidente. Mesmo assim, os colunistas esportivos não conseguem abandonar os adjetivos e, às vezes deixam a paixão pelo esporte transcender os princípios jornalísticos.

1.3 – A carreira

Seguir a profissão de jornalista no Brasil não é fácil. Mercado saturado, baixos salários, redações com equipamentos ultrapassados são alguns dos problemas enfrentados por quem resolve se aventurar nessa atividade. De acordo com Paulo Vinícius Coelho (2003) Dentro do jornalismo esportivo, os problemas são mais graves, a começar pela falta de prestígio dentro dos próprios veículos de comunicação. A editoria é uma das primeiras a ser atingida pelos cortes de gasto.

O gosto pelo jornalismo esportivo pode se apresentar de várias maneiras. A primeira dela diz respeito à paixão. Alguns estudantes ingressam nas universidades com esse

propósito. Desde pequeno, esses profissionais acompanham a cobertura esportiva ou, simplesmente, são apaixonados por esportes, ou melhor dizendo por futebol.

Outros profissionais tomam gosto pela cobertura esportiva durante o desenvolvimento da carreira. Isso ocorre devido ao fato de a editoria de esportes, juntamente com editoria de cidades, ser a porta de entrada dos novos profissionais recém saídos das faculdades.

“Não é na editoria de esportes que se concentram os melhores salários das grandes redações, mas é para ela que seguem os focas, os novatos que chegam sedentos de trabalho e de crescimento profissional. É assim desde que o jornalismo escreveu sua primeira página. As portas de entrada para novatos são a editoria de esportes e a de cidade. O que é ótimo para quem quer seguir carreira em outras áreas. E péssimo para o desenvolvimento da própria carreira de jornalista esportivo.” (COELHO, 2003, p. 27)

Diferentemente do que muitas pessoas acreditam, o jornalista esportivo não é um profissional que entende apenas de futebol, e se arrisca a dar palpites em outras modalidades. Quem decide trabalhar nessa área necessita de conhecimentos que vão além dos limites de quadras e campos espelhados mundo afora.

A cada dia que passa, a importância política e econômica dentro do ambiente esportivo torna-se mais clara. Por isso, é necessário que o jornalista esportivo esteja a par de legislação e de indicadores econômicos, que possam vir complementar e explicar alguns acontecimentos citados nas matérias. Além disso, algumas competições ultrapassam as fronteiras do país. Isso exige do especialista em esporte amplo conhecimento cultural. “Há coberturas, como a das Olimpíadas, que exigem equipes de jornalistas de preferência integrados por repórteres que dominem não só a língua do país em que se realize a competição, mas também outras línguas estrangeiras” (ERBOLATO, 1981, p. 15).

Para Coelho (2003), de modo geral, existem quatro grandes redações impressas no país. *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e o jornal gaúcho *Zero Hora*. Nesses veículos concentram-se os melhores salários e investimento em profissionais. No entanto, enfrentam problemas típicos a qualquer editoria de esportes. Se nessas redações os obstáculos são grandes, nas menores as adversidade são bem maiores.

1.4 – A cobertura esportiva

A cobertura esportiva na maior partes das vezes atrela-se à divulgação de resultado, perfil de atletas que estão em evidência, fatores extracampo que influenciam diretamente às equipes.

No entanto, cada veículo tem uma maneira peculiar de informar seu leitor, ouvinte, telespectador ou internauta. A TV preza pelo espetáculo; os veículos impressos divulgam resultados, contam histórias e fazem análise das partidas; as rádios buscam os detalhes; enquanto *sites* esportivos buscam a velocidade, além da quantidade de informações.

Nesta gama de variedades, o torcedor apaixonado por esporte escolhe a que mais lhe interessa ou acompanha todas na busca de complementá-las, assim informando-se sobre todos os detalhes.

1.4.1 – A cobertura dos veículos impressos

A divulgação tradicional de resultados e informações sobre equipes e atletas ainda são a base da cobertura nos cadernos esportivos dos jornais tradicionais e diários especializados.

No entanto, com a questão da rapidez na divulgação de resultados tanto por TVs, rádios e Internet, os jornais diários têm sofrido para encontrar pautas inteligentes que os mantenham atraentes aos leitores.

“Não basta notícia bem analisada. É preciso pauta inteligente. Este é o maior desafio, criar matérias com olhar da própria redação, com diferencial, que deixem claro que só podem ser publicadas por aquela redação (...) Criar pauta inteligente uma vez não é o problema. A dificuldade consiste em convencer as redações de que esse esforço é definitivo. Que deve ser feito todos os dias, para que se leve a melhor sobre os noticiários de plantão, que julgam ser mais importantes que a notícia, mesmo que o leitor já tenha tomado conhecimento dela na véspera (...)” (COELHO, 2003, p. 78).

Na busca por esse diferencial, as matérias esportivas têm ficado mais detalhadas. Junto com o resultado, informações sobre os principais personagens dos eventos, histórias que descrevem as competições integram o noticiário esportivo. Perfil, família e curiosidades sobre os atletas que se destacam também engrossam as páginas esportivas dos jornais.

Aliado a isso, os aspectos políticos e econômicos têm se tornado, freqüentemente, pauta nos cadernos e diários esportivos. Escândalos envolvendo o esporte brasileiro não são

novidade. Entretanto, hoje, as redações tratam os assunto referentes ao outro lado do esporte de maneira diferente.

Na corrida pelo furo e, conseqüentemente por novos leitores, os jornais impressos têm investido em matérias investigativas, que podem não agradar a todos os leitores, mas que rendem prêmios e diferenciam-se de outros noticiários.

Assim, o jornalismo esportivo nos veículos impressos, na tentativa incessante de atrair mais leitores e com eles mais anunciantes, mescla matérias que se assemelham às divulgadas pelos primeiros diários esportivos do século passado, em que o resultado era a única informação divulgada, com reportagens investigativas, de comportamento, e de curiosidade, que de certa maneira aguçam a curiosidade do leitor.

1.4.2 – A cobertura das redes de TV

A cobertura jornalística na TV diferencia-se um pouco da feita nos outros veículos. Acima de tudo, o que vale na televisão é o espetáculo. Isso talvez explique os ensurdecedores gritos do Galvão Bueno durante a transmissão das partidas de futebol.

Os clubes de futebol acharam que a televisão aumentaria seus dividendos, pois, estas necessitariam deles. Após muitos anos e vários campeonatos depois, a história se inverteu. Hoje, são os clubes de futebol que dependem do dinheiro vindo das emissoras, ou seja, das cotas, e por isso, ficam dependentes dela.

Atualmente, a TV Globo mantém o monopólio das transmissões. É ela que praticamente compra todos os direitos de transmissão dos campeonatos. Isso faz com que ela influencie, diretamente, nos horários das partidas, de maneira que possa transmitir o jogo (espetáculo) que mais convém.

Então, por que os clubes, juntamente com as federações, se submetem a esse processo? Pelo simples fato de o futebol brasileiro, independentemente dos cinco títulos mundiais conquistados, ainda organizar e administrar campeonatos de maneira amadora. Os estádios estão sempre vazios, os gramados são péssimos, o nível técnico das competições é baixo, até porque, os melhores jogadores brasileiros enfeitam os campeonatos europeus.

Entretanto, todas as questões abordadas no parágrafo anterior são suficientemente boas para tornarem-se matérias jornalísticas. No entanto, isso não interessa nem aos clubes, emissoras de televisão e, principalmente, patrocinadores que investem alto nas parcerias com as TVs. Já que esse fatores contradizem a beleza que um belo espetáculo deve demonstrar.

“Assim como estão o mau estado do gramado, o erro do árbitro, a atuação bizarra de um jogador. Todos os elementos para construir uma boa matéria jornalística estão ali, à disposição das câmeras, dos locutores, comentaristas e repórteres. É só usar o microfone e salientar o que há de bom, mostrar o que há de ruim. Nenhuma matéria está assim tão escancarada diante do jornalista quanto o evento esportivo. E, no entanto, é a matéria jornalística o que menos aparece em transmissão. Tudo o que importa, afinal, é o show dos locutores e repórteres.” (COELHO, 2003, p. 64).

Já para o jornalista, a TV é o veículo em que ele alcança maior visibilidade e prestígio. Além disso, é nas redações televisivas que os maiores salários são pagos. Por isso, muitos profissionais, que durante muito tempo trabalharam exclusivamente com o jornalismo esportivo nas rádios, viram-se obrigados a migrar para televisão. Milton Neves, Roberto Avallone, Flávio Prado, Jorge Kajuru e Juca Kfoury são apenas alguns exemplos.

Pena que durante a transição do rádio para TV, alguns deles tenham perdido um pouco da essência jornalística, transformando-se em garotos propagandas, ou como se diz na gíria do futebol, “vendedores de jabá”.

1.4.3 – A cobertura das emissoras de rádio

A cobertura de eventos esportivos no rádio é uma das poucas que se mantém sem grandes transformações. Este talvez seja o veículo que acompanha um evento esportivo com mais afinco.

Normalmente, em dia de grandes jogos, as emissoras iniciam as transmissões com pelo menos uma hora de antecedência. Durante este tempo anterior às partidas, são apresentadas entrevistas de vestiários, reportagens sobre as duas equipes envolvidas, a semana de cada uma e, é claro, comentários preliminares dos jornalistas envolvidos juntamente com a opinião da torcida.

Após o término da partida, a transmissão não é encerrada. Novamente, os repórteres entram em ação. Eles trazem a história da competição ainda no calor da emoção. Além disso, o desempenho das equipes e dos atletas são avaliados e o torcedor tem o direito de dar opinião.

A televisão tentou levar essa cobertura pós-jogo baseada no rádio para a programação dominical. No entanto, ela só é feita no final das noites de domingo nas mesas

redondas, horas depois que os eventos acabaram, e os gols já foram mostrados no *Fantástico*, programa jornalístico da rede Globo apresentado aos domingos, ou em outro noticiário.

Esse talvez seja o segredo que mantém as transmissões esportivas feitas pelas emissoras de rádio atraentes ao público, mesmo no século XXI, em que a utilização da imagem é fundamental. Além disso, para se acompanhar uma partida pelo rádio, o ouvinte não precisa abandonar outras atividades para ficar sentado à frente do aparelho.

Para o profissional, é uma excelente escola. Grande partes dos jornalistas especializados em esporte, que posteriormente destacaram-se na TV, iniciaram a carreira nas rádios. O grande problema continua sendo os rendimentos, bem inferiores aos da televisão.

1.4.4 – A cobertura da Internet

Para esse trabalho, a cobertura desenvolvida pelos jornalistas na rede mundial de computadores é extremamente importante, pois a análise de discurso que originou o desenvolvimento deste ensaio será feita a partir de uma coluna reproduzida pelo diário esportivo eletrônico *Lancenet*.

A cobertura feita pela Internet é recente. No Brasil, ela estourou no final do século passado, quando muitos sítios relacionados à área esportiva foram criados. De modo geral, a maioria dos *sites* relacionados a esporte oferecem resultados, matérias nos moldes do jornalismo impresso, porém com textos mais curtos e mais leves como se pede no jornalismo *on-line* (nas páginas dos veículos tradicionais, algumas matérias são as mesmas). Além, é claro, de divulgarem notas a respeito de vários esportes o tempo todo.

As transmissões ao vivo no começo do jornalismo digital eram um diferencial. Atualmente, quase todo *site* esportivo acompanha os principais eventos esportivos em tempo real. Desta maneira, os colunistas acabam por se tornar a maior diferença entre os sítios esportivos, até porque, com advento da agenda-setting, assim como ocorre nos veículos tradicionais, os conteúdos são praticamente os mesmo em todos os *sites*.

As redações da páginas esportivas, assim como nas outras áreas de atuação, no início meteórico que o jornalismo digital teve no Brasil, recrutou alguns dos melhores jornalistas especializados, isso porque, essas empresas ofereciam salários até então impensáveis para um jornalista.

“Parecia a redenção dos jornalistas. Acostumados a salários minguados no final do mês, alguns receberam propostas milionárias. A situação lembrava

de longe a de jogadores de futebol, convidados por clubes rivais a ganhar duas, três vezes mais do que recebiam nos clubes anteriores..” (COELHO, 2003, p. 60)

No entanto, passada a febre da Internet, muitas redações fecharam e alguns profissionais renomados ficaram desempregados. Contudo, o noticiário esportivo é um dos maiores diferenciais oferecidos pelos grandes portais, já que ao lado do entretenimento, são as duas áreas mais procuradas pelos internautas.

1. 5 – O sobrevivente

O *site Lancenet* foi lançado junto com o diário esportivo *Lance*, em 1997. No entanto, a Internet no país sofreria um *boom* apenas dois anos depois. Nessa época, vários sítios esportivos emergiram. Entretanto, o *Lancenet* saiu na frente.

Quando foi criado, o *site* pretendia apenas fincar bandeira no novo mercado. O sucesso não era garantido, mas havia a esperança de que a Internet se popularizasse. E a aposta deu certo. A rede mundial dos computadores expandiu-se por todo Brasil e com isso, o *Lancenet* saiu na frente. O empreendimento virou ponto de referência para o mercado publicitário, muitas vezes captando fundos que ajudavam ao diário *Lance* a sair do vermelho.

Rapidamente, o empreendimento passou a valer milhões. O sucesso se deve ao fato de o *site* gastar pouco dinheiro. As matéria chegavam pela mão dos mesmos jornalistas que escreviam para o diário impresso. Somado-se a isso, em 2001 muitos sítios esportivos quebraram devido a desvalorização da moeda brasileira frente a americana, já que a maior parte dos investimentos havia sido feito em dólares. Além disso, a Internet no Brasil não se expandiu na velocidade que se esperava. Apesar do grande crescimento do número de usuários, não foi suficiente para atrair mais investimentos.

Assim, no ano de 2002 a estabilidade chegou. Quem tinha que desistir saiu do mercado, e quem conseguiu vencer a fase das vacas magras se manteve. E o *Lancenet*, talvez, pelo fato de ter sido o pioneiro, mas, provavelmente pela seriedade que sempre manteve a cobertura, aliado a grandes nomes do jornalismo esportivo, como Juca Kfourri e José Trajano, se firmou no mercado e, hoje, é um dos *sites* esportivos mais respeitado dentro do país.

2 – Jornalismo *on-line*

O jornalismo *on-line*, também chamado jornalismo digital, é uma modalidade jornalística que se desenvolve com grande aceitação dos usuários da rede desde meados da década de 1990. Além de proporcionar acesso rápido às informações, o jornalismo digital desafogou o mercado de trabalho no final da década de 90, quando o mesmo se mostrava saturado.

“O potencial da nova mídia tornou-se um instrumento essencial para o jornalismo contemporâneo e, por ser tão gigantesco, está começando a

moldar produtos editoriais interativos com qualidades atraentes para o usuário: custo zero, grande abrangência de temas e personalização.” (FERRARI, 2003, p. 38)

2.1 – Evolução da Internet

Para entender a evolução do jornalismo na Internet é preciso voltar no tempo e compreender o desenvolvimento da própria rede mundial de computadores.

De acordo com Pollyana Ferrari (2003) a Internet nasce em 1969, quando o Advanced Research Projects (Arpa – Agência de Pesquisa e Projetos Avançados), que faz parte do Departamento de Defesa Norte-Americano que é especializado em pesquisa de informações para o serviço militar, desenvolveu a Arpanet, rede nacional de computadores.

A Arpanet garantia comunicação emergencial em caso de ataque sofrido pelos Estados Unidos. Com o passar dos anos, o tráfego de dados cresceu. Entre os novos usuários encontravam-se pesquisadores universitários com trabalhos na área de segurança e defesa. Mesmo com a utilização da rede por parte de pesquisadores que transmitiam arquivos extensos via *e-mail*, a Arpanet continuou focada no serviço de informação militar.

Com isso, outras redes começaram a surgir. A Bitnet (Because It's Time Network) e a CSNET (Computer Science Network – Rede de Ciência da Computação) ofereceram acesso para universidades e organizações de pesquisa dentro dos Estados Unidos .

Em 1986, a National Science Foundation (NSF – Fundação Nacional de Ciência) desenvolveu uma rede que conectava pesquisadores de todas as partes dos Estados Unidos por meio de grandes centros de informática e computadores. Já em 1989, depois de anos de trabalho, Tim Berners Lee conclui o projeto da World Wide Web (WWW). O crescimento do WWW foi rápido e não parou desde então.

2.1.2 – Evolução da Internet no Brasil

No Brasil, as iniciativas começaram em 1987. Pesquisadores de tecnologia e informação de várias partes do país se reuniram na USP (Universidade de São Paulo), juntamente com representantes do governo e da Embratel. Nesse encontro discutiram o estabelecimento de uma nova rede nacional com fins acadêmicos.

No ano seguinte, o LNCC (Laboratório Nacional de Computação Científica), do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), no Rio de Janeiro,

e a Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) ligaram-se a redes internacionais como a Bitnet e Hepnet com o auxílio de instituições de ensino e laboratórios americanos. Em 1989, é criada a RNP (Rede Nacional de Pesquisas), que desenvolveu a rede nacional e internacionalmente. A RNP contou com iniciativas complementares em todos os estados brasileiros. Isso promoveu a integração total em uma rede nacional e, posterior desenvolvimento da Internet no Brasil.

Em maio de 1995, ocorre no Brasil a abertura da Internet comercial. Com isso, “a rede deixou de ser exclusiva do meio acadêmico para estender seu acesso a todos os setores da sociedade” (PINHO, 2003, p. 9). Essa abertura fez com que até mesmo empresas de comunicação investissem na rede, oferecendo aos internautas conteúdo e informação durante 24 horas por dia.

2.2 – Jornalismo *on-line* no Brasil

“No Brasil, os sites de conteúdo nasceram dentro das empresas jornalísticas” (FERRARI, 2003, p. 25). O *Jornal do Brasil* foi o primeiro veículo de comunicação a se arriscar pela rede mundial de computadores, em 1995, seguido pela versão eletrônica do jornal *O Globo*.

Como ocorre tradicionalmente na imprensa brasileira, os *sites* de notícia também ficaram atrelados aos grandes conglomerados da mídia existentes no país. As organizações Globo, o grupo Estado, o Grupo Folha e a editora Abril deram os primeiros passos na Internet brasileira.

Para muitos, o jornalismo digital parecia ser a luz no fim do túnel em um mercado cada dia mais competitivo. Além do grande número de vagas geradas por essa nova modalidade jornalística, as redações dos jornais virtuais ofereciam salários muito atrativos. Para alguns profissionais, principalmente, os de editorias consideradas menos importantes, o montante oferecido parecia ser a solução para todos os problemas, além é claro da consolidação profissional.

Com isso, vários jornalistas, muitos deles de renome, migraram para o jornalismo *on-line*. Nas redações esportivas o processo foi o mesmo. Jornalistas que já haviam se consolidado profissionalmente, não resistiram aos altos salários oferecidos pelos novos portais que surgiam e consigo traziam o investimento de grandes patrocinadores.

No entanto, passada a febre da explosão, muitos dos investidores abandonaram o negócio. Em consequência, os salários astronômicos também foram cortados. Assim, vários profissionais que haviam largado uma carreira sólida nos veículos tradicionais em busca de realização financeira na rede mundial dos computadores, se vir obrigados a retornar aos antigos empregos. Isso nos casos em que um jovem recém-saído da academia não tivesse assumido as funções em troca de salários bem menores.

Assim, o que parecia ser a salvação para um mercado saturado ou a chance de se realizar financeiramente, com o passar do tempo, assumiu as características das redações tradicionais, onde baixos salários podem ser oferecidos devido ao grande número de profissionais existentes no mercado, além permitir redução no número de componentes sempre que há necessidade de se cortar gastos.

Hoje, as redações virtuais continuam a empregar muitos profissionais, só que em menor número e com salários que condizem com a realidade do jornalismo brasileiro.

2.3 – Conceitos

Hábitos alimentares, língua e tudo que é relacionado a cultura humana é transmitidos ao longo do tempo por histórias, livros, escrituras e outros tipos de artefatos que de uma certa maneira informam sobre o passado.

O jornalismo, por sua vez, trabalha com a necessidade que o homem tem de aumentar o conhecimento a respeito do que o cerca. No começo, a questão temporal das notícias não era levada como fator principal. O primeiro jornal brasileiro por exemplo, foi impresso em Londres, por Hipólito da Costa, em 1808. O *correio Braziliense* demorava cerca de um mês para chegar ao Brasil.

Atualmente, no entanto, o tempo transformou-se em fator crucial. Com o alto grau de desenvolvimento atingido pelos veículos de comunicação, informar ao leitor, ouvinte ou telespectador sobre um fato que acontece em tempo real tornou-se obrigatório para não se perder credibilidade em relação aos concorrentes. Mais do que nunca, o jornal de ontem só para cobrir o chão de uma casa a ser pintada.

A Internet, mais do que qualquer outro veículo de comunicação, se sente obrigada a prestar esse tipo de serviço. Para não perder espaço na luta contra os concorrentes, os portais de notícias chegam a colocar uma notícia por minuto em suas páginas.

Assim como em outros veículos de comunicação, o noticiário começou a ser transmitido pela Internet quando o interesse do público por notícias “quentes” tornou-se evidente (MOURA, 2002, p. 45). O *New York Times* foi o primeiro jornal do mundo a criar uma versão *on-line*.

Os jornais *on-line* ou descenderam dos jornais impressos ou foram criados para concorrer com os mesmos. Ambos abordam assuntos que abrangem o mundo inteiro com transmissão de notícias na hora que acontecem. Com isso, os plantões tornam-se inevitáveis (MOURA, 2002, p. 46). Desta maneira, um dos princípios do jornalismo digital é dar o furo antes que qualquer outro veículo.

O conteúdo jornalístico é o principal atrativo de quem entra na rede. Por isso, os *sites* do gênero assumem comportamento da mídia de massa. O esporte, ao lado do entretenimento, são as duas áreas de maior interesse na Internet. A cobertura esportiva, centro da discussão neste trabalho, apresenta-se de maneira global e local. Informam-se os resultados das competições nacionais e internacionais. Além disso, matérias no formato dos jornais impressos também são utilizadas, adequando-se na maioria das vezes ao estilo de texto próprio da Internet.

O jornalismo *on-line* não é simplesmente um bloco de diferentes informações digitais. Assim, ele não pode ser definido como mero reprodutor de reportagens. Ao redigir um texto para a mídia eletrônica, é necessário pensar nos vários recursos que poderão complementar a matéria. Enquetes, temas de *chat* e *links* com o maior número possível de assuntos e serviços relacionados à reportagem qualificam o trabalho final.

Os elementos envolvidos no jornalismo digital ultrapassam a barreira dos tradicionalmente utilizados na mídia impressa. Textos, fotos e gráficos quase que se tornam obsoletos. No jornalismo digital pode-se agregar ao trabalho final seqüências de vídeo, áudio e ilustrações animadas.

Assim, ao escrever uma matéria para a Internet, o jornalista deve se atentar às variadas ferramentas que podem ser utilizadas para complementar a reportagem. Pode ser foto, vídeo ou, simplesmente, áudio de sonora. Esses recursos permitem que jornalistas tornem o trabalho produzido mais atraente para o leitor.

“A World Wide Web – uma síntese de todas as mídias, com as vantagens visuais da TV, a mobilidade do rádio, a capacidade de detalhamento e análise do jornal e revista, e a interatividade da multimídia – que tornam promissor o jornalismo na Web e podem representar uma nova revolução para a atividade.”(PINHO, 2003, p. 113)

A incorporação desses atrativos se faz necessário à medida que os leitores digitais se comportam de maneira parecida: dão uma olhada nas manchetes, lêem o horóscopo, entram em alguma área que chamou a atenção.

Apesar de os leitores digitais não se aprofundarem muito nas leituras, o empilhamento de informações e os erros de português provocados pela pressa aliados a matérias incompletas ou fora de contexto, fazem com que o *site* provoque uma impressão desagradável nos usuários.

Um dos grandes segredos do texto produzido para Internet é a maneira como ele se apresenta. Contextualização, e respeito à hierarquia de importância para a notícia, sempre da mais para a menos importante, são fundamentais para se elaborar um texto atraente. Desta maneira, o jornalista pode despertar o desejo do internauta em retornar ao *site* sempre que estiver interessado em informações.

Textos curtos e objetivos facilitam a leitura do internauta. Na *Web*, as frases devem ser curtas e os parágrafos, preferencialmente, entre cinco e seis linhas no máximo. Isso torna a leitura mais agradável. No entanto, isso não quer dizer que o texto ficará superficial. As ferramentas que podem ser utilizadas na produção de uma reportagem para Internet permitem que o usuário torne a notícia mais completa de acordo com o interesse e a necessidade.

O conteúdo jornalístico produzido para Internet pode ser dividido em: *estáticas* – informações que sofrem modificações esporádicas ou que não são atualizadas; *dinâmico* – são as últimas notícias atualizadas minuto a minuto; *funcional* – representado por menus e barras de navegação que facilitam a busca de informações; *interativo* – facilita a interação entre o leitor e os produtores da notícia por meio de lista de endereços de correio eletrônico (PINHO, 2003, p. 182)

Contudo, se a evolução nos veículos de comunicação acarreta profundas mudanças na maneira como o conteúdo é exposto, o jornalista, que é parte fundamental no processo de codificação da informação, também é atingido pelas mudanças.

Com o jornalismo *on-line* não foi diferente. Quando essa modalidade jornalística emergiu, os profissionais disponíveis no mercado não sabiam ao certo como lidar com a nova mídia. Durante a formação acadêmica, esses jornalistas jamais receberam algum tipo de instrução sobre o novo mercado. Apanharam muito no começo, no entanto, com o passar do tempo adaptaram parte do conhecimento adquirido nas cadeiras da universidade com a

experiência nas redações tradicionais, assim, desenvolveram o que, hoje, é conhecido como jornalismo *on-line*.

A estrutura do texto manteve a pirâmide invertida, ou seja, as informações são dadas de maneira decrescente, sempre da mais importante para a menos importante. O *lead* responde às perguntas “o que, quando, onde, como, quem e por quê” e continua compondo a base do primeiro parágrafo. As mudanças mais significativas dizem respeito ao tamanho do texto. Alguns autores sugerem que um texto de cem linhas escrito para um veículo impresso deva ser reduzido a no máximo 25 linhas para a Internet. Entretanto, isso não impede que alguns textos sejam reproduzidos na íntegra. *Sites* direcionados a determinado segmento, e que atingem a um público específico, como o *Observatório da Imprensa*, por exemplo, publicam textos extensos e, nem por isso, perdem leitores.

Além do tamanho reduzido do texto, os jornalistas que escrevem para *web* devem aproveitar todas as ferramentas existentes como fotos, *links*, vídeos, *chats*, gravações de áudio entre outras, tudo para tornar o trabalho final atrativo. Assim, além de pensar como jornalista, o profissional dos veículos digitais devem pensar como internautas que navegam em uma rede mundial, com milhares de possibilidades de lerem a mesma notícia. Logo, os leitores virtuais não se fixarão a um texto sem conteúdo, com informações pouco relevantes e que não possuam nenhum complemento que acrescente informações às matérias.

Assim, escrever para Internet não significa, simplesmente, reproduzir as notícias dos veículos impressos, mas sobretudo, transformar calhamaços de textos em textos agradáveis ao leitor apressado que navega pela rede mundial de computadores, em busca de informações que o deixarão em condição de conversar com qualquer amigo que tenha dado uma olhada rápida nos noticiários virtuais.

Com jornalistas que atuam no âmbito opinativo, a forma de trabalho não pode ser diferente. O profissional que tecer comentários prolixos sem nenhum grau de informação perderá, com certeza, credibilidade junto aos leitores. Neste quesito, o jornalista esportivo Juca Kfoury, que terá sua coluna no jornal eletrônico *Lancenet* analisada no quarto capítulo deste trabalho, desempenha papel brilhante. Com textos curtos, o colunista consegue transmitir informação e opinião sem fazer com que o leitor se perca entre os comentários e deixe a leitura pela metade.

3 – Juca Kfourri

Cinqüenta e quatro anos de idade, 34 de profissão e inúmeros processos por dizer o que pensa. Esses são alguns dos números que acompanham a vida de um dos jornalistas esportivos mais respeitados no país.

Nascido em 1950, no bairro Itaim Bibi, em São Paulo, José Carlos Amaral Kfourri, filho do então procurador da república Carlos Alberto Kfourri e de Dona Luíza, ingressou na profissão em 1970, quase por acaso. Formado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (USP), ao término do curso Juca Kfourri foi convidado a trabalhar no Departamento de Documentação da Editora Abril (Dedoc). “Esta era uma coisa que nem passava pela minha cabeça. Aceitei porque já estava meio que viciado com essa coisa do jornalismo. E virei isso”, comenta o jornalista em entrevista ao *site Vero*.

Devido ao interesse que Kfourri demonstrava em assuntos relacionados ao esporte, quatro anos mais tarde ele foi promovido a chefe de reportagem da revista *Placar*, a maior revista esportiva do país. Apesar de não ser formado em jornalismo, Kfourri pode assumir o

trabalho de chefe de reportagem, pelo fato de que até a década de 80, quem comprovasse experiência na área recebia o registro de jornalista.

Demonstrando competência, Juca Kfourri assumiu um novo desafio quando chegou à direção da revista *Playboy*. Durante a gestão de Kfourri a frente da revista masculina, esta não destacou-se apenas pelas fotos de mulheres nuas. Foi sob a direção do jornalista que a revista começou a se destacar por excelentes entrevistas.

Em 1994, após 25 anos de serviços prestados a editora Abril, Kfourri pede demissão devido a pressão exercida pelos dirigentes do futebol brasileiro, sob a diretoria da empresa. Segundo o próprio jornalista, a saída da editora foi uma das decisões mais importantes da sua vida.

“Mandaram eu parar de criticar a cartolagem. Deixei a empresa. Foi difícil para mim, a revista era como meu filho mais velho. E também tive receio, afinal, estava lá havia 25 anos. Ficava me perguntando ‘será que eu vou ter chances? Será que vão achar que sou muito caro?’. Descobri que o mundo aqui fora é fantástico e generoso. Depois disso, não tenho mais receio de nada.” (KFOURI, em entrevista ao *site Vero*, 2002)

Em 1982, Kfourri estréia na televisão com um programa independente na Rede *Record*. Ele também passou pelo *SBT*, *CNT* e Rede Globo, onde atuou como comentarista. No jornalismo impresso, ele ainda trabalhou na *Folha de S. Paulo*.

Atualmente, Juca Kfourri apresenta o programa *Cartão Verde* da TV Cultura, é comentarista da rádio CBN, colunista do diário esportivo *Lance!* e do site esportivo *Lancenet*. Justamente a coluna do sítio esportivo será analisada no próximo capítulo. Além disso, Kfourri é colaborador da revista *Carta Capital*, uma das publicações mais respeitadas no país.

3.1 – A paixão pelo esporte

O amor pelo esporte, assim, como acontece com muitos dos jornalistas esportivos, emergiu primeiro que o desejo de exercer o jornalismo. Como a maior parte dos brasileiros, Kfourri é apaixonado por futebol. Diferentemente de muitos profissionais que atuam na área, ele não esconde que tem um time do coração: o Sport Clube Corinthians Paulista, ou simplesmente, “Coringão”, maneira carinhosa que os torcedores mais fanáticos usam para se dirigir ao time.

Com a segunda maior torcida do país, perdendo, apenas, para o Flamengo, o Corinthians acompanha Juca Kfouri desde a infância. A paixão pelo time da capital paulista é uma das heranças que o jornalista herdou da família.

“Cresci maluco pelo Corinthians. Era uma paixão exacerbada, aquela coisa masoquista de torcer por um time que estava havia anos sem ganhar título(...) Viajava pelo país todo, deixei de fazer inúmeras provas na escola. Olho para trás e não consigo pensar minha vida sem o Corinthians. Para muitas das coisas que eu preciso rememorar busco referência na sua história. Se foi perto daquela vitória ou daquela derrota (...)” (KFOURI, em entrevista ao *site Vero*, 2002)

Entretanto, ao contrário do que se possa imaginar, o amor pelo Corinthians, em nenhum momento, fez de Kfouri um jornalista bairrista. Na verdade, ele é um dos poucos jornalistas que declaram o time de coração, que não se deixa levar pela paixão na hora de produzir os textos. Se em dia de título corinthiano houver uma notícia que Juca considere importante para o esporte nacional, ele irá divulgá-la, mesmo que isso fruste alguns torcedores.

Contudo, o paixão pelo esporte não se restringe apenas ao futebol. De 1974 a 1979, Juca Kfouri jogou basquete, profissionalmente, pelo Paulistano, time da capital paulista. Abandonou o esporte por dois motivos. Os baixos salários e uma derrota vergonhosa para o Corinthians. “...Aí eu pensei, ‘quer saber, meu negócio não é esse aqui, não’. Mas eu jogava bem”, afirma Kfouri em entrevista ao *site Vero*.

3.2 – Processos

Uma das marcas registradas de Juca Kfouri é lutar pelo que acha correto. Por causa dessa característica ele já foi processado várias vezes. No entanto, a inclinação para assuntos polêmicos não fica restrita ao futebol. A formação acadêmica ajuda um pouco.

Formado em Ciências Sociais, Kfouri militou em partidos de esquerda durante a ditadura militar. A Aliança de Libertação Nacional (ALN) e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) foram instituições defendidas pelo jornalista. Justamente, nesse período, Juca diz ter vivido uma das piores experiências de sua vida. “Fui preso no dia 7 de setembro de 71 e levado, com minha mulher, para o DOI-CODI. Nunca tinha passado e nem voltei a passar nada parecido. Não recomendo.” (KFOURI, em entrevista ao *site Bafafá*, 2003)

Atualmente, assim como faz, já há alguns anos, Juca Kfouri luta pela moralização do futebol brasileiro e, isso, tem acarretado muitos processos judiciais. O Presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira, é um dos principais alvos do jornalista. “A CBF paga um escritório de advogados só para me ler e me atazanar...”, ironiza o jornalista em entrevista concedida a José Paulo Lanyi no *site* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Os dirigentes Eurico Miranda, presidente do Vasco da Gama, e José Eduardo Farah, um dos nomes mais influentes do futebol paulista, são pessoas que freqüentam, assiduamente, a coluna de Kfouri.

Praticante de um jornalismo que pode ser considerado investigativo, Juca Kfouri esteve à frente de matérias memoráveis do jornalismo esportivo brasileiro. “Os 50 anos do Rei Pelé” e a “Máfia da Loteria Esportiva” foram duas das mais importantes matérias publicadas por Kfouri na revista *Placar*. Outros assuntos polêmicos que renderam diversos processos ao jornalista foram a CPI do futebol, contrato Nike e Teresópolis/CBF.

Entretanto, os inúmeros processos aos quais ele é obrigado a responder por falar o que pensa, não tiram o bom humor do jornalista que se diz acostumado com a situação.

“ (...) mas aí a brincadeira que eu faço é a seguinte: é que nem escovar o dente. Não é uma coisa agradável, ninguém gosta de escovar o dente. É uma tarefa de dois minutos, ficar lá, tal, não deixar sangrar (...) Mas você sabe que depois que acorda tem que escovar o dente, depois do café da manhã, depois que você almoça, janta... Pra mim é um pouco isso. Se eu parar para pensar, eu não escrevo. Porque hoje é assim. Se eu escrever: ‘Quem diria, Ricardo Teixeira, depois que virou cinquentão, é até um senhor bem-apegoado...’, ele me processa dizendo que eu estou chamando ele de veado. Não tem jeito, não tem jeito. Eu sei: vai me processar nisso aqui, mas não titubeio por causa disso. Meu pai era promotor público, procurador de Justiça. Era uma pessoa de uma integridade, de uma formação, de uma cultura... Uma figura fantástica... Meu pai me dizia o seguinte: ‘Passe longe das delegacias, dos fóruns. Se puder, evite até ser testemunha. Quanto mais distância, melhor’. Sempre o ouvi falar isso. De repente, eu comecei a ser réu.” (KFOURI, em entrevista ao *site* da UFSC)

Assim, com ou sem processos judiciais, Juca Kfouri segue a escrever textos que não trazem apenas comentários simplórios sobre os resultados da rodada. Ele mantém a linha que o consagrou, ou seja, continua a escrever textos que conseguem mostrar o que há por trás do esporte brasileiro, independentemente de quem é o envolvido nos desmandos da cartolagem brasileira.

É justamente essa coragem que o faz um dos mais respeitados jornalistas esportivos do país.

3.3 – “Juca sem medo”

Poucos são os jornalistas esportivos brasileiros que tem coragem e credibilidade para escrever sobre os assuntos extracampo que influenciam, diretamente, o esporte nacional. Além disso, poucos também são os profissionais com amplo conhecimento da história esportiva do Brasil, de maneira que possa elucidar comentários isentos sobre jogadores e equipes, mesmo que o sucesso de alguns deles tenha se constituído no passado..

Juca Kfourri é uma dessas exceções. Com quase quatro décadas de profissão, formação acadêmica e muita paixão pelo esporte, independentemente, da categoria seja dentro ou fora das quatro linhas, Kfourri escreve o que pensa, “doa em quem doer”. Tal atitude torna a comparação com João Saldanha, cronista esportivo falecido às vésperas da Copa do Mundo de 1990, inevitável.

Saldanha foi um dos cronistas mais respeitados do país durante décadas. A paixão de João Saldanha pelo esporte fez com que, em algumas vezes, ele deixasse a profissão de lado para dedicar-se exclusivamente ao esporte. Talvez, a experiência que deixou o cronista mais perto do mundo o qual ele tanto admirava foi a passagem pela seleção brasileira de Futebol.

Em 1969, Saldanha comandou o Brasil nas eliminatórias para Copa do Mundo de 1970. Como treinador ele levou o país ao Mundial do México, que, posteriormente, foi vencida pela própria seleção brasileira, mas já sob o comando de Mário Jorge Lobo Zagallo.

João Saldanha só não comandou o Brasil na Copa do Mundo do México, porque não aceitava pressões políticas nem palpites nas convocações. Foi, justamente, essa personalidade forte que fez dos textos de Saldanha leitura obrigatória entre os amantes do futebol.

Sem “papas na língua”, Saldanha escrevia o que pensava sem se importar se as pessoas atingidas eram cartolas, jogadores de nome ou qualquer outra personalidade do esporte. “João sem medo”, apelido carinhoso com o qual admiradores se referem ao ídolo, ganhou força em virtude dessa atitude.

Por tudo isso é que muitos leitores acabam comparando Juca Kfourri a João Saldanha. Talvez, a grande diferença entre eles seja a maneira que ambos expressam a paixão pelo esporte nos textos. As obras de Saldanha apresentavam grande quantidade de adjetivo, por isso mesmo, assumiam uma característica mais pessoal. Kfourri, por sua vez, motivado, talvez,

pelo estilo americano de se fazer jornalismo que toma conta das redações brasileiras, estrutura o texto de maneira mais imparcial, preocupando-se sempre em justificar as idéias com algum fato ou número.

Não à toa que João Saldanha é um dos cronistas esportivos mais admirados por Kfourri. “Seu maior orgulho está na parede: a cópia de um artigo de João Saldanha (‘Pois é isso, Juca’, de 87, no Jornal do Brasil). O tema do artigo? As mamatas do futebol brasileiro” (LANYI, *site* UFSC, 2004). A afirmação se refere a um artigo escrito por Saldanha e, que parabenizava um texto escrito por Kfourri.

Entretanto, a coragem de falar o que pensa já trouxe muitos problemas a Juca Kfourri. Quando se afastou da editora Abril, em 1994, Juca pediu demissão por não aceitar parar de criticar os cartolas brasileiros.

“O Ricardo Teixeira disse para o Roberto Civita: eu mando na CBF, o Roberto Marinho manda na Globo e você não manda na Abril. Isso irritou o Roberto’. Civita sugeriu ao Juca um ano sabático, estudar as novas mídias na Universidade de Navarra, na Espanha. ‘Eu disse a ele: você foi burro, se não tivesse me dito nada sobre essas pressões, eu teria ido, mas agora eu não posso, é a minha desmoralização’.” (LANYI, *site* UFSC, 2004)

Em 1998, ele trabalhava como colunista na *Folha de S. Paulo*. Foi indicado pela empresa para cobrir a Copa do Mundo da França. No entanto, devido às críticas que o jornalista regularmente fazia a João Havelange, ex-presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA) e a Ricardo Teixeira, ex-genro do dirigente e presidente da CBF, Juca Kfourri teve sua credencial negada. No entanto, mais esse obstáculo não fez com que Kfourri deixasse de escrever e falar o que pensa.

“Minha tendência é mesmo rir da ridicularia perpetrada por Havelange, da burrice sem tamanho que ele cometeu, chamando a atenção do mundo inteiro para um jornalista brasileiro que não tem a menor importância. Sem se dizer da inutilidade da medida, porque cobrirei a Copa de toda maneira. Sem credencial, o trabalho apenas será mais difícil. No fundo, ele e sua turma querem que eu me torne cada vez mais incômodo para os veículos em que trabalho. Ou esperam que eu resolva sair – como saí de outra empresa por discordar do acatamento à pressão que faziam. Bobagem deles.” (KFOURI, *Folha de S. Paulo*, 1998).

3.4 – O jornalismo esportivo, segundo Juca Kfourri

Mesmo com todas as falhas apresentadas pela imprensa esportiva brasileira, Juca Kfourri acha que as coisas estão melhorando. “Eu acho que estamos em franco processo de melhoria. Principalmente na chamada imprensa escrita.”(KFOURI, em entrevista ao *site* UFSC).

Entretanto, para ele um dos problemas mais graves da imprensa brasileira continuam sendo os jornalistas que associam a imagem a produtos durante eventos, principalmente, nas mesas redondas exibidas pela televisão. Para Kfourri, isso pode comprometer a credibilidade, pois, nunca um profissional patrocinado por determinada marca irá criticar um evento produzido ou apoiado pela mesma.

Roberto Avallone, da Rede TV!, e Milton Neves, da TV Record, são os dois maiores exemplos do jornalismo-publicitário dentro da imprensa esportiva brasileira. Por sua vez, entre os problemas que proporcionaram a saída de Kfourri da Rede TV!, em 2003, encontra-se, justamente, a recusa do jornalista em promover produtos durante o *Bola na Rede*, mesa redonda comandada por ele.

Assim, Juca Kfourri segue a escrever textos e apresentar programas esportivos de maneira independente, sem se preocupar com os patrocinadores ou anunciantes e, principalmente, sem temer os cartolas do futebol brasileiro, que há muito tempo têm o hábito de brincar com a imprensa brasileira.

4 – Análise de Discurso

Este trabalho analisou a coluna do jornalista esportivo Juca Kfourri no jornal esportivo on-line *Lancenet*, baseando-se em uma amostra de 27 textos publicados pelo jornalista durante os dias 10 de agosto e 30 de setembro de 2004.

Nas terças, quintas e domingos, os textos são mais elaborados e fazem parte do que o site chama de *Papo com o Juca*. Já nos outros dias da semana, há produção de textos, porém, sem obrigatoriedade. No entanto, em dias de jogos ou em alguma notícia importante relacionada ao esporte precisa ser divulgada, os mesmos são produzidos.

Assim, esta análise pretende identificar quem são os personagens-paradigmas (pessoas colocadas em evidência pelos colunistas) dentro de uma coluna esportiva, qual tipo de discurso utilizado pelo jornalista, quais elementos constituem esse discurso. Até que ponto é possível distinguir se o jornalista fala como profissional ou como torcedor, tendo em vista que o esporte, principalmente, na figura do futebol, é uma paixão nacional. Qual a atenção dispensada a outras modalidades, qual o lugar de fala assumido por Juca Kfourri entre outros aspectos.

“Em suma, a análise de discurso visa a compreensão de como o objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido.” (ORLANDI, 199, p. 26)

4.1 – Textos

Os textos, ao contrário do que se possa pensar, não se referem apenas ao futebol. Juca Kfourri escreve sobre qualquer modalidade, mostrando conhecimento do assunto. Ele não é mais um palpiteiro de plantão. Além disso, o conhecimento político e social adquirido por Kfourri ao longo dos anos, juntamente com a formação acadêmica em sociologia, fazem com que muitos dos textos apresentem uma carga de informações extracampo muito grande.

No texto intitulado *Os atletas do vizinho ganham o ouro amarelinho*, Juca Kfourri comenta o desempenho do velejador brasileiro Robert Scheidit. Além disso, ele se refere as conquistas dos tenistas chilenos nas Olimpíadas de Atenas.

“O politicamente correto, e o justo, será tratar aqui de Robert Scheidit, agora o melhor atleta olímpico da história do Brasil, como ele merece, depois de ganhar sua segunda medalha de ouro nas Olimpíadas. (...) O esporte que pratica, no entanto, não emociona a massa, é difícil de ser acompanhado e é para poucos num país como o Brasil. Já o tênis, por exemplo, é diferente, embora também ainda seja um esporte de elite por aqui. Mas depois do Guga, todo mundo passou a saber o que é um *ace*, um *tie-break*, um *set*, um game, um smash. E foram dois tenistas chilenos, mesmo correndo o risco de parecer pouco patriota e politicamente incorreto, os dois maiores heróis deste fim de semana olímpico. Nicolas Massú e Fernando Gonzáles são os nomes deles.” (KFOURI, Lancenet, 2004)

Já em *O esporte brasileiro começa a pensar no que quer ser quando crescer*, Kfourri demonstra o interesse em relação a assuntos extracampos ao comentar a não adoção de uma nova lei dos esporte, que havia sido prometida pelo ministro dos esportes, Agnelo Queiroz.

“A cerimônia de ontem em Brasília, quando o presidente Lula recebeu os atletas brasileiros que foram a Atenas, pode ser um marco na política esportiva do Brasil. Esperava-se, como o prometido pelo ministro dos esportes, Agnelo Queiroz, o anúncio de uma lei de incentivos para o esporte. Mas não foi o que aconteceu. A lei trombou no Ministério da Fazenda, porque o ministro Palocci está mais preocupado em corrigir as distorções da lei de incentivos para a Cultura, a chamada Lei Rouanet, do que em criar uma outra lei parecida para o Esporte.” (KFOURI, Lancenet, 2004)

4.2 – Discurso

Os textos apresentados na coluna do jornalista Juca Kfourri seguem uma linha tradicional no jornalismo opinativo, à medida que são construídos na maioria por paráfrase seguida de comentário. O juízo de valor (o bem e o mal, o bom e o ruim, verdade ou mentira, de acordo com as ideologias do colunista) fica claro em todos os textos.

O jornalista parecer dialogar com leitor, seus textos na maioria das vezes apresentam discurso polêmico ou autoritário. O discurso polêmico normalmente aparece nos momentos em que o jornalista comenta os acontecimentos políticos e econômicos que influenciam o esporte.

Em *Uma nódoa das Olimpíadas de Atenas*, Kfourri comenta o incidente acontecido na prova da Maratona, em que o atleta brasileiro Vanderlei Cordeiro de Lima foi atacado por um fanático religioso e, por isso, deixou de ganhar a medalha de ouro. O jornalista polemiza ao comentar que todos os envolvidos, desde os organizadores até o próprio atleta, tomaram atitudes inaceitáveis diante do problema.

“Porque o que houve na Maratona é inédito e inexplicável. No episódio, erraram todos. A começar pelo fanático religioso, é óbvio. A continuar pela cartolagem do Comitê Olímpico Internacional, que não quis fazer aquilo que a sensibilidade e o bom senso determinavam: dar também ao brasileiro uma medalha de ouro, tão claro foi o prejuízo que sofreu. E a terminar pelo erro do próprio magnífico Vanderlei Cordeiro de Lima, o heróico paranaense que perdoou o agressor e nem quis reivindicar o que era seu direito. Generosidade não pode ser confundida com conformismo. O episódio foi a mancha que Atenas não precisava.” (KFORI, Lancenet, 2004)

Já o discurso autoritário (impõe um pensamento) que não apaga o relacionamento do locutor com o interlocutor baseado na sustentação de idéias centrais que aparecem sempre no início do texto, ou mesmo nos próprios títulos, como pode ser observado no texto intitulado *Só dá paulistas na Taça Libertadores*, em que, o jornalista começa a escrever reafirmando a idéia do título: “Terminado o primeiro turno do Campeonato Brasileiro, é assustador constatar que, neste momento, apenas o futebol de São Paulo representaria o Brasil na Taça Libertadores da América.” (KFOURI, Lancenet, 2004)

Outro exemplo da reafirmação da idéia central contida no título logo no primeiro parágrafo pode ser notada no texto *Seleção dá espetáculo e esbarra no goleiro boliviano*. O colunista abre o texto com a seguinte afirmação: “Foi 3 a 1 mas poderia ter sido, cinco, seis. Só não foi porque no gol boliviano tinha uma verdadeira barreira, chamada Fernandez. Mas, valeu.” (KFOURI, Lancenet, 2004)

Para consolidar os comentários, Juca Kfourri usa a paráfrase nos textos, utilizando-se de dados e informações referentes ao assunto que ele comenta. Assim, tenta diminuir o juízo de valor sempre presente nos textos produzidos para colunas assinadas. No texto que o jornalista comenta o envio de dinheiro para fora do país por dirigentes do futebol brasileiro e que intitulou como *O futebol brasileiro conhece o caminho dos doleiros*, no primeiro parágrafo apresenta informação que valida todos os comentários pessoais feitos pelo jornalista ao longo do texto. O primeiro parágrafo diz o seguinte: “O relator da CPI do Banestado, deputado José Mentor, do PT-SP, tem documentos que comprovam a remessa ilegal de dinheiro do futebol brasileiro para o exterior.” (KFOURI, Lancenet, 2004)

4.3 – Interdiscurso

Outra maneira do colunista do *jornal Lancenet* parafrasear os textos embasando tanto as idéias principais, secundárias e até mesmo os comentários é o interdiscurso ou memória discursiva. Este conceito refere-se ao conhecimento prévio que o emissor espera que o receptor já tenha obtido durante a sua vida, ou seja, basta ele identificar uma única característica para que o leitor possa entender o que ele quer dizer.

“O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. A observação do interdiscurso nos permite, no exemplo, remeter o dizer da faixa a toda a uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-la em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos.” (ORLANDI, 1999, p. 32)

No âmbito do esporte e, principalmente, no futebol, tema mais abordado por Juca Kfourri em sua coluna, o interdiscurso é muito utilizado pelo fato de muitas máximas terem se tornado senso comum dentro da sociedade, tendo em vista que o público que acompanha esporte, diariamente, em sua maioria, mantém conhecimento específico sobre a modalidade que acompanha. Mesmo os que não acompanham frequentemente noticiários esportivos tornam-se conhecedores dos discursos pré-existentes dentro do futebol devido a popularidade que o esporte atingiu e o status de produto tipicamente brasileiro que a modalidade alcançou com o passar do tempo.

Assim, em vários dos textos publicados dentro da coluna do jornalista Juca Kfuri é possível identificar e subentender os discursos previamente conhecidos por qualquer pessoa.

No texto intitulado *A volta do complexo de vira-latas*, que fala das derrotas inesperadas sofridas pelos atletas brasileiros nas olimpíadas de Atenas, no próprio título o interdiscurso fica explícito, pois a expressão vira-latas refere-se há alguém pouco confiável, inferior, que não consegue se equiparar aos melhores. Ainda neste texto, Kfourri utiliza-se de outra expressão que remete à questão da inferioridade “Certamente foram vítimas do famoso medo de serem felizes...” (KFOURI, Lancenet, 2004). Ao utilizar a frase “medo de ser feliz”, o jornalista justifica as derrotas com uma expressão utilizada no senso comum para expressar o medo que algumas pessoas demonstram quando estão perto de atingir seus objetivos e, por isso, acabam desperdiçando as oportunidades.

Já em *Um outro balanço da participação brasileira em Atenas*, Juca Kfourri discute os resultados alcançados pela delegação brasileira. Apesar de não de extremar sua opinião como positiva ou negativa. No entanto, o jornalista faz questão de reafirmar que não tem medo de opinar. Por isso, utiliza-se de outra expressão popular para se defender. “E, afinal, o Brasil foi bem ou o Brasil foi mal nas Olimpíadas? Sem querer ficar em cima do muro, eu diria que nem foi bem nem foi mal. Fez o esperado, sem motivo para euforia ou depressão.” (KFOURI, Lancenet, 2004)

A expressão *em cima do muro* remete ao discurso de uma pessoa sem opinião, desprovida de personalidade, características que não se assemelham com o estilo de jornalismo praticado por Juca Kfourri. Por isso, a preocupação de se explicar.

Talvez, no texto *Dos oito jogos de hoje, dois valem mesmo seis pontos* o jornalista tenha demonstrado confiança no conhecimento dos leitores acerca do assunto futebol. Pois, logo no título ele utiliza uma expressão que só pode ser compreendida por quem já tem um mínimo de contato com os jargões esportivos.

Um leitor mais desatento que não acompanha o mundo do futebol, poderia achar que o jornalista estava louco ao escrever tal afirmação, ou pior, poderia achar que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tivesse acabado de promover mudanças no regulamento, já que, normalmente, uma vitória acarreta o ganho de três pontos e, não os seis propostos por Kfourri.

No entanto, como o público leitor de colunas esportivas, em sua maioria, é apaixonados por esporte e detentores de conhecimento sobre os assuntos elucidados pelo jornalista, Juca Kfourri não se preocupou em utilizar a expressão, pois, confiou na capacidade de assimilação dos leitores, tendo em vista que, qualquer pessoa que acompanhe um mínimo de partidas sabe que *um jogo de seis pontos* acontece quando os clubes envolvidos estão próximos, ou até mesmos empatados na tabela de classificação. Com isso, a vitória, além de

significar o ganho de três pontos, ainda acarreta a perda da mesma quantidade de pontos pelo adversário, por isso seis pontos.

4.4 – Intertextualidade

Junto com o interdiscurso, o intertexto ou intertextualidade, que “envia tanto a uma propriedade constitutiva de todo o texto, como ao conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto mantém com outro texto” (Maingueneau, 1998, p.87), é utilizado pelo colunista como forma de validar, delegar autoridade a idéias defendidas por ele dentro da sua coluna.

No texto em que comenta a homenagem prestada a Mário Jorge Lobo Zagallo, profissional que conquistou mais títulos com a seleção brasileira de futebol, intitulado *Zagallo vira bronze e se desmancha em fel*, o jornalista comenta todas as glórias conquistadas pelo técnico. No entanto, na hora de comentar as declarações feitas pelo atual auxiliar técnico da seleção brasileira de futebol, o jornalista utiliza-se de uma fábula para ressaltar a característica de Zagallo pronunciar frases, às vezes fortes, outras vezes apenas reflexo da emoção, mas que devido à posição que ele ocupa sempre acarretam polêmica.

“Mais como o escorpião que não perde o seu modo de ser , mais uma vez Zagallo exorbitou ao não se limitar a festejar a nova glória.” (KFOURI, Lancenet, 2004). Essa comparação do jornalista remete à fábula do escorpião que no meio de um incêndio que destruía a floresta precisava atravessar um rio para se salvar. Ele, como vários outros animais, não sabia nadar. Entretanto, os outros bichos que não sabiam nadar conseguiram carona. O escorpião, por sua vez, detentor de má fama não tinha amigos e, ainda, atacava todos que se aproximavam, estava lá prestes a morrer por não conseguir carona, já que nenhum outro animal queria se arriscar. Avistou um sapo e, contrariando seu orgulho, resolveu pedir ajuda. O anfíbio parecia decidido a deixar o escorpião para trás, pois não estava disposto a arriscar sua vida. O inseto peçonhento conseguiu convencer o sapo. Ele afirmava que não atacaria o bem feitor, já que isso significaria a morte de ambos. O sapo achou o argumento convincente. Mandou o escorpião subir em suas costas e começou a nadar. No meio do trajeto o instinto falou mais alto, e o escorpião atacou o sapo. Indagado pelo anfíbio sobre a atitude o mesmo respondeu que aquilo fazia parte da sua índole e que ele não conseguia agir de maneira diferente.

Assim, segundo Juca Kfourri, com Zagallo acontece a mesma coisa. Mesmo sendo homenageado no maior estádio do mundo, o Maracanã, o Velho Lobo, apelido pelo qual o ex-

jogador atende, não conseguiu deixar de criticar Bebeto de Freitas, presidente do Clube de Regatas Botafogo, time defendido por Zagallo por muitos anos, que não dispensou homenagem especial ao auxiliar técnico da seleção brasileira de futebol durante as comemorações do centenário do clube carioca.

4.5 – Marcas Discursivas

O discurso, quando transformado em texto, ou seja, linguagem escrita, permite a identificação de elementos gramaticais e textuais que são de fundamental importância para entender a idéia a qual o autor (locutor) pretende transmitir aos leitores.

Os textos apresentados na coluna analisada apresentam com muita frequência adjetivo, um elemento gramatical que só pode ser usado no jornalismo dentro do gênero opinativo e, principalmente, em colunas assinadas, tendo em vista que estas assumem o perfil de quem escreve.

Os adjetivos são utilizados tanto para ressaltar positiva ou negativamente um acontecimento ligado ao esporte, quanto para caracterizarem uma personalidade do esporte. Expressões como: “Tamanho desequilíbrio revela muito mais a fragilidade de outros centros do futebol nacional do que a força de São Paulo...” (KFOURI, Lancenet, 2004), “O politicamente correto, e o justo, será tratar aqui de Robert Scheidt, agora o melhor atleta olímpico da história do Brasil...” (KFOURI, Lancenet, 2004), “Scheidt é um atleta extraordinário...” (KFOURI, Lancenet, 2004), “Quem está por trás da tal MSI, a empresa recém criada e presidida pelo esfuziante iraniano Kia Joorabchian...” (KFOURI, Lancenet, 2004), “A parada é dura, duríssima, diante das favoritas norte-americanas...”, “A outra derrota, ainda mais doída, foi a do vôlei feminino...” (KFOURI, Lancenet, 2004), “Nem mesmo a fantástica conquista da medalha de ouro pela turma do Bernardinho...” (KFOURI, Lancenet, 2004), “Um será disputado em Caxias do Sul, entre o surpreendente Juventude e o Santos...” (KFOURI, Lancenet, 2004), “...com um gol maravilhoso de Ricardinho...” (KFOURI, Lancenet, 2004), “Constrangidos a obedecer ordens superiores, Carlos Alberto Parreira e Zagallo já davam o episódio por encerrado...” (KFOURI, Lancenet, 2004), “Pouco mais de 56 mil torcedores viram um verdadeiro show de bola...” (KFOURI, Lancenet, 2004), são alguns exemplos de como os textos são construídos.

Além dos elementos gramaticais, quando transformado em texto o discurso apresenta elementos textuais. No caso do discurso utilizado por Juca Kfuri, os elementos textuais mais freqüentes são a ironia e a antonomásia, ambas figuras de linguagem. Nos textos analisados, a ironia é utilizada para dar ênfase a uma situação que desagradou ao jornalista ou para provocar outras pessoas, assim como os torcedores fazem piadas uns com os outros.

“Por meio da ironia a sátira efetiva o seu papel de criticar e ridicularizar pessoas e situações. O texto irônico diz de forma clara exatamente o contrário daquilo que parece estar dizendo. É preciso, porém, que o leitor esteja devidamente situado, pois de outra forma não conseguirá entender a mensagem satírica.”(BARROS, Análise de Discurso, 2003)

Por se tratar de uma opinião pessoal, a ironia só aparece nos comentários do jornalista nunca na paráfrase. No texto *Lambança que dá misturar futebol e política*, Kfourri reclama da decisão da CBF de proibir a comissão técnica de convocar os atletas que não foram liberados por seus clubes para a partida contra o Haiti, que ficou conhecida como “Jogo da Paz”, e aproveita para criticar a cúpula da Confederação que se demonstrava feliz, por ter estreitado a relação com o governo federal, pois a Seleção só se apresentou no país destruído pela guerra civil a pedido do presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva. “O que dirá o corintiano Lula ao ver o goleiro Dida do seu Timão campeão mundial da Fifa substituído por Júlio César? Tudo porque eles não puderam ser os ‘soldados da CBF’, como definiu o presidente da entidade. (KFOURI, Lancenet, 2004)

Ainda sobre esse assunto, Kfourri escreveu mais um texto, no qual ele chama o jogo válido pelas eliminatórias para a Copa do Mundo contra a Bolívia de “Jogo da injustiça”, isso porque, jogadores que deveriam ter sido convocados ficaram de fora da partida devido a problemas políticos. A ironia fica explícita no título: “Depois do ‘Jogo da Paz’, o ‘Jogo da Injustiça.’” (KFOURI, Lancenet, 2004)

Nos textos analisados, a ironia, quase sempre, aparece para reforçar às críticas do jornalista em relação a determinado assunto. Em *Com 65 brasileiros, começa hoje a Copa dos Campeões da Europa*, Kfourri mostra-se indignado devido a quantidade de jogadores brasileiros que participam da competição européia, em sua maioria craques. Enquanto, que o campeonato nacional vê estádios vazios, devido ao baixo nível técnico, e a Confederação Brasileira de Futebol não faz nada para conter a evasão dos bons jogadores. “O pior é que para a CBF, este é o melhor dos mundos. Os jogadores brasileiros se acostumam a jogar nos padrões e condições climáticas da Europa (...)Quando se juntam...dá no que dá: três finais

consecutivas e duas conquistas nas últimas três Copas do Mundo.” (KFOURI, Lancenet, 2004)

A antonomásia, figura de linguagem que consiste em substituir um nome por uma expressão que o identifique facilmente, é muito utilizada pelos jornalistas esportivos à medida que dentro do esporte, praticamente, todo ídolo, clube de futebol e alguns estádios têm um apelido. Assim, o São Caetano, time de futebol de São Paulo, é chamado de Azulão. O atacante Ronaldo do Real Madrid, é conhecido como Fênomeno, pelo futebol apresentado no início da carreira. A utilização da antonomásia facilita a identificação do leitor com os personagens citados na coluna.

Com Juca Kfourri não é diferente. Em muitos textos, ele se dirige a clubes, estádios, atletas e países por “apelido”. Ao se referir à seleção norte-americana de futebol feminino, Kfourri as chamou de sobrinhas do Tio Sam. Isso porque, informalmente, os Estados Unidos da América são chamados de Tio Sam. Em outro texto, Kfourri dirige-se à seleção brasileira masculina de vôlei como a turma do Bernardinho, e com certeza, todos os leitores entenderam do que se tratava, pois, a equipe desde 2000 é comandada pelo técnico Bernardo Rezende. Como o time alcançou grandes resultados sob o comando do técnico, eles ficaram conhecidos como a turma do Bernardinho ou Família Bernardinho.

Os times de futebol, em muitos casos, como não poderia ser diferente, tendo em vista que Juca Kfourri mantém relação íntima com o esporte, são chamados pelos apelidos nos textos escritos por ele. A Ponte Preta de Campinas é chamada de Macaca. O Palmeiras é o Alviverde. O Corinthians é o Timão, enquanto o Atlético Mineiro é o Galo. O Atlético Paranaense atende pela alcunha de Furacão, entre outros exemplos.

A antonomásia aparece com frequência nos textos escritos por Kfourri devido ao grande conhecimento que ele tem em relação ao esporte. Isso faz com que, ao se dirigir a um jogador ou equipe da mesma forma carinhosa com que os torcedores fazem, ele cria uma identificação com os leitores, o que o aproxima dos mesmos. Assim, ele estreita a relação com o público e facilita o entendimento do discurso.

4.6 – Propriedades Discursivas

O discurso, além de elementos gramaticais, é construído de aspectos culturais ideológicos e históricos, que necessitam de uma análise mais profunda para serem identificados, sendo chamados de propriedades discursivas.

Normalmente, as propriedades discursivas apresentam-se como referência para a construção de um pensamento, que gera reflexão, independentemente da mesma se apresentar em forma de generalização ou conformismo.

“O discurso não está presente só nas palavras, mas está ainda nas ações da narrativa, nas situações apresentadas no contexto discursivo e nos valores ideológicos subjacentes. Isso tudo ‘fala’, tem voz e evoca conceitos que preenchem a narrativa, nutrindo-a com ideologias e valores.” (BARROS, *Análise de Discurso*)

O discurso do jornalista Juca Kfourì demonstra uma vasta gama de conhecimento cultural e histórico a assuntos relacionados a política, sociedade e, claro, esportes. Isso fica visível, principalmente, nos textos em que ele comenta os acontecimentos extracampo que influenciam diretamente o desenvolvimento das competições ou o rendimento dos atletas.

No texto *A volta do complexo de vira-latas*, o jornalista comenta algumas derrotas inesperadas que a delegação brasileira sofreu na Olimpíadas de Atenas. Para reforçar sua tese de que os atletas brasileiros deixaram o nervosismo atrapalhar o desempenho, Kfourì cita o escritor Nelson Rodrigues, que após a Copa do Mundo de 1950, disputada no Brasil, em que a seleção nacional, diante do estádio do Maracanã lotado, precisava apenas de um empate no jogo contra o Uruguai para se sagrar campeão mundial pela primeira vez.

No entanto, o time perdeu por 2 a 1. Desde então, os atletas brasileiros carregam o estigma de não suportarem muito bem pressão. “Depois que a Seleção Brasileira perdeu a Copa do Mundo de 50, no Maracanã, Nelson Rodrigues criou a teoria de que somos um povo com complexo de vira-latas.” (KFOURI, Lancenet, 2004). Entretanto, o próprio jornalista sabe que isso é desculpa esfarrapada, ele apenas buscou explicação para as derrotas e, no intuito de validar uma idéia pouco plausível, se apegou a um dos escritores brasileiros mais respeitados, dando o entender de que o que ele falava não era nenhum absurdo.

Em outro texto, intitulado *O esporte brasileiro começa a pensar no que quer ser quando crescer*, Kfourì discute a política de esportes no país. O jornalista apóia a decisão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva de se investir na massificação, em vez de se preocupar com os resultados, ou seja, com o esporte de alto rendimento. Ela baseia a linha de raciocínio em uma teoria defendida por vários sociólogos, que é a de usar o esporte como inclusão social.

“E o presidente limitou-se a anunciar uma dotação orçamentária com vistas a fazer chegar recursos à massificação do esporte no país....Na verdade, parece que Lula se convenceu que deve pensar o esporte como fator de inclusão social... É da quantidade que se tira qualidade e, ainda mais importante, a prática massificada do esporte é essencial para se fazer um país mais saudável. A massificação sim deve ser uma preocupação do Estado.” (KFOURI, Lancenet, 2004)

A linha sociológica adotado por Juca Kfourri, com certeza, é herança da formação acadêmica do jornalista. E talvez, o fato de ser formado em ciências sociais, área que exige do profissional uma visão ampla da sociedade no que diz respeito aos aspectos sociais, políticos e culturais, fazem com que ele tenha facilidade de discutir os aspectos extracampo, que permeiam na maioria das vezes, de maneira negativa, o esporte nacional.

4.7 – Lugar de Fala

O colunismo como gênero do jornalismo opinativo permite ao locutor uma liberdade que possibilita que o mesmo assuma papéis diferentes do que ele, geralmente, ocupa dentro da sociedade. Esses papéis que o colunista assume enquanto escreve seus textos são chamados de lugar de fala.

O lugar de fala assumido pelo autor da coluna influencia diretamente o discurso, já que dependendo do papel que ele assume, a fala é expressa de maneira diferente. Dentro do jornalismo esportivo, a troca do lugar de fala é algo constante. Isso se deve ao fato de o profissional da área esportiva viver uma relação estreita de profissional/torcedor. Assim, muitas vezes, ao falar de esporte, os jornalistas esportivos acabam por ocupar o lugar dos torcedores tornando o juízo de valor e a emoção características predominantes no discurso.

“Todo falante e todo ouvinte ocupa um lugar na sociedade, e isso faz parte da significação. (...) Por outro lado, há a relação de sentido (intertextualidade): todo discurso nasce em outro (sua matéria prima) e aponta para outro (seu futuro discurso). Por isso, não se trata de um discurso, mais de um *continuum*.” (ORLANDI, 1988, p.18)

Com o jornalista Juca Kfourri na coluna assinada por ele no jornal *Lancenet* no período em que os textos foram analisados, é possível identificar vários lugares de fala distintos. O primeiro papel assumido pelo colunista, e não poderia ser diferente, é o de

jornalista. Quando utiliza-se desse discurso a paráfrase é o principal elemento do texto restringindo-se no máximo a comentários discretos.

No texto intitulado *A noite do Santos. E do Corinthians* o discurso jornalístico fica explícito à medida que o colunista faz um resumo dos jogos que aconteceram na rodada em que Santos e Corinthians venceram, enquanto os adversários diretos sofreram derrotas. .

“O Santos ganhou do Juventude no finzinho (2 a 1). (...) Livrou três pontos do time gaúcho e ainda viu seus mais diretos perseguidores se darem mal: o Palmeiras, que empatou com a Ponte Preta sem gols; o Goiás, que perdeu para o Figueirense (3 a 2); a Ponte Preta, que empatou com o Palmeiras; e o São Paulo, que perdeu para o Coritiba (3 a 2). Quer dizer, o Santos, sem Robinho, ganhou 16 pontos numa noite só e pode sonhar seguro com o bicampeonato. Já o Corinthians também ganhou os mesmos 16 pontos ao vencer o Galo (1 a 0) e ver cinco dos sete times que estão à sua frente irem mal. Só faltava mesmo o Santos não ter vencido.” (KFORI, Lancenet, 2004)

Já no texto *Com 65 brasileiros, começa hoje a Copa dos Campeões. Da Europa*, Kfourri, assim como a maioria da imprensa esportiva, divulgou o início da maior competição entre clubes na Europa. E que nesse ano, conta com um grande número de jogadores brasileiros. “Só a França tem mais jogadores no torneio que o Brasil, 69, apenas quatro a mais. E a França tem três times na Copa, contra, é claro, nenhum do Brasil.” (KFOURI, Lancenet, 2004)

Contudo, Juca Kfourri, enquanto ocupa o lugar de fala de jornalista, não se restringe, apenas, a escrever textos com resultados da rodada. Kfourri quando trabalhava em outros veículos ganhou prêmios com matérias investigativas e, até hoje, ele mantém esse hábito. Entre os textos analisados, dois em especial, que falam do mesmo assunto, a provável parceria do Corinthians com um grupo estrangeiro, destacam-se no quesito investigação.

O primeiro, intitulado *Um russo milionário na parceria do Corinthians* descreve quem é um dos sócios do iraniano Kia Joorabchian, presidente da MSI, empresa que pretende patrocinar o time paulista. Kfourri destaca amizade do iraniano com o russo Boris Berezovski, milionário de 57 anos, que militou no grupo político de Boris Yeltsin, ex-presidente russo.

“Hoje vive em Londres, sede da tal MSI, fugido da Justiça russa, que quer extraditá-lo. Ele é acusado de ter ligações com a máfia chechena e foi condenado, em 2002, por extorsão cometida 10 anos atrás. Inimigo do atual presidente russo, Vladimir Putin, com mandado internacional de prisão expedido contra si, Berezovski tem desde setembro do ano passado o status de ‘refugiado político’.” (KFOURI, Lancenet, 2004)

No segundo texto, intitulado *O misterioso iraniano que quer ser parceiro do Corinthians é inglês ou canadense*, Juca Kfourri elucida informações que revelam informações contraditórias e, até mesmo mentiras faladas pelo iraniano Kia Joorabchian, presidente da MSI, empresa que busca firmar parceria com o Corinthians, time paulista com a segunda maior torcida do Brasil.

“O iraniano Kia Joorabchian que quer ser parceiro do Corinthians nem é mais iraniano, porque é inglês ou canadense. Pelo menos isso é o que foi possível levantar em cinco registros sobre sua identidade, nos quais ele aparece três vezes como canadense e duas como inglês. Pior: três vezes como Kia Joorabchian, uma como Kiavash Joorabchian e outra como Kia Kiavash. Pior ainda: duas vezes como alguém que nasceu em 14 de julho de 1971, uma vez em 14 de julho de 1970 e outra vez como nascido em 25 de julho de 1971.” (KFOURI, Lancenet, 2004)

Um segundo lugar de fala assumido por Juca Kfuri é o de advogado. Em alguns dos seus discursos ele trabalha a defesa de seus personagens como se fosse um advogado de defesa tentando convencer o júri, no caso os leitores. Quando assume esse papel, o locutor utiliza-se do emocional. Em um dos momentos em que incorpora o papel de advogado, o colunista defende os jogadores brasileiros que atuam no Bayer de Munique da Alemanha e Milan da Itália, que não foram liberados pelos clubes para participar do que a CBF, imprensa e todo país chamaram de “Jogo da Paz”, partida beneficente que a seleção brasileira disputou no Haiti a pedido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O texto o qual o jornalista chamou de *Depois do jogo da paz, o jogo da injustiça* é a “defesa” dos atletas que, por causa, da decisão dos clubes de não liberá-los para o amistoso, não foram convocados para a partida contra a Bolívia, válido pela eliminatórias da Copa do Mundo.

“No Haiti, a Seleção Brasileira foi protagonista do chamado ‘Jogo da Paz’. Domingo, no Morumbi, pelas Eliminatórias da Copa do Mundo, contra a Bolívia, a Seleção jogará o ‘Jogo da Injustiça’. Tudo porque, ao ‘Jogo da Paz’, não puderam comparecer, impedidos por seus clubes na Europa, cinco titulares da Seleção: Dida, Cafu, Lúcio, Zé Roberto e Kaká. A CBF os acusou de não terem se esforçado o suficiente para atender à convocação e resolveu castigá-los, não os convocando para a partida diante da Bolívia. Castigou os atletas, um deles, Cafu, capitão da campanha do pentacampeonato, castigou a Seleção e castigou o torcedor paulista, que tem, nos corintianos, fãs de Dida e, nos são paulinos, admiradores de Cafu e Kaká. Premiados, apenas, o Milan e o Bayern, felizes por poder contar com seus cinco jogadores em datas que seriam obrigados a cedê-los para a

Seleção. Cafu disse à CBN, na terça-feira passada, que fez tudo que podia para ser liberado pelo Milan, que chegou até a implorar, e que diz na cara de quem for que é mentira que os jogadores não tenham se esforçado. Agora, você decide: você acredita no capitão Cafu ou no presidente da CBF?” (KFOURI, Lancenet, 2004)

Outro texto em que o jornalista posicionou-se como advogado foi em *Hoje as mulheres podem fazer o que os homens nunca fizeram*, antes mesmo de o jogo pela disputa da medalha de ouro no futebol feminino acontecer, Kfourri preocupado com a pressão que as meninas sofriam, já que o desempenho do país em esportes populares, com exceção do vôlei, foi abaixo do esperado. O jornalista defende as jogadoras da seleção feminina de futebol de uma possível derrota, que foi confirmada depois. Para validar a defesa, o jornalista compara o futebol feminino ao masculino, considerado o melhor do mundo, mas que no entanto nunca conquistou a medalha de ouro olímpica. Sendo que nem se classificou para as olimpíadas de Atenas. E, nas edições anteriores, mesmo contando com os melhores jogadores do país (dentro da idade limite de 23 anos) e todo o apoio não obtiveram êxito na competição.

“Além do mais, a medalha de prata para elas já será um prêmio enorme e não se trata de desculpa antecipada, não. Porque se os homens falharam tantas vezes e já perderam duas finais, em 1984, com Mauro Galvão e Dunga, para a França (2 a 0) e em 1988, para a União Soviética (2 a 1), com Taffarel, Jorginho, Neto, Romário, Bebeto, Careca, porque elas não teriam o mesmo direito? Só que o Harém Simões não quer nem ouvir falar nisso.” (KFOURI, Lancenet, 2004)

O terceiro lugar de fala assumido pelo colunista é muito comum entre os jornalistas esportivos, e também, é o que mais agrada aos torcedores, pois, justamente, falam como se fossem torcedores. Esse discurso é usado por Juca Kfuri em alguns dos textos que preenchem a coluna. Desta maneira, ele acaba se aproximando do leitor, torcedor que busca informação sobre sua equipe ou ídolo.

Em *Dois grandes jogos e mais seis atrações na volta do feriadão* o jornalista descreve as várias possibilidades que o apaixonado por esporte tem para acompanhar a modalidade ou equipe preferida. Desde o início do texto, ele fala como torcedor. Kfourri fala com entusiasmo ao ponto de aconselhar as pessoas que tiverem compromisso à tarde, falem aos mesmo para acompanhar o jogo ente a seleção brasileira de futebol e a Alemanha.

“O que tem de bom futebol hoje não é brincadeira. Que tal começar com Alemanha e Brasil, em Berlim, a reedição da final da Copa de 2002, os

alemães em busca de renovação, os brasileiros certos de que têm uma ótima geração? O jogo começa às 15 para as quatro e vale até matar o serviço ou as aulas, palpite politicamente incorreto ainda mais depois do feriadão. Mas que vale, vale.” (KFOURI, Lancenet, 2004)

Outro momento em que o jornalista assume o discurso de torcedor é no texto *E tudo acabou numa quarta-feira esportivamente frustrante*. O discurso de torcedor fica claro logo na primeira frase do texto, quando o jornalista, assumindo postura de torcedor frustrado, reclama da qualidade dos jogos que aconteceram no dia anterior, aos quais ele mesmo havia convidado todos a acompanhar. “Não foi a quarta-feira que sonhamos.” Ao pronunciar a frase na primeira pessoa do plural fica clara a intenção do colunista de expressar a opinião como torcedor.

No texto *Quatro jogos começam a 33ª rodada do Brasileirão no ritmo das eleições*, o jornalista comenta a rodada do campeonato brasileiro que antecede as eleições municipais e, mais uma vez, assume o discurso de torcedor sendo pronunciado na primeira pessoa do plural. “Vamos ter quatro jogos hoje e mais oito amanhã.”

Contudo, independentemente do discurso adotado, Juca Kfourri sempre tenta se aproximar dos leitores. Quando escreve, simplesmente, como jornalista, ele busca dar credibilidade a coluna mantendo, assim, a assiduidade dos leitores. Quando fala como advogado mexe com o emocional dos torcedores, o que faz com que os mesmos se identifiquem, pois, a defesa apresentada por Kfourri, na maioria das vezes, reflete a opinião de grande parte dos torcedores.

Por fim, quando assume o papel de torcedor, ele se compara aos leitores, dando a impressão que é amigo dos mesmos, pois sente as mesmas emoções e é movido a paixão. Essa atitude assemelha-se a do locutor Galvão Bueno, da Rede Globo, que abre as transmissões com a seguinte frase: “Bem, amigos da Rede Globo”, o que dá a impressão que todos fazem parte de um mesmo grupo, que por sua vez, desperta o sentimento de fidelidade.

4.8 – Personagens-paradigmas

Com a mesma liberdade que o colunista tem de mudar o lugar de fala de acordo com a necessidade de transmitir o discurso, ele também tem o livre arbítrio para decidir quem entra na coluna, ou seja, quem são os colunáveis. Dentro do jornalismo, de acordo com Mauro Wolf (2001), a pessoa que seleciona o que é notícia é o *gatekeeper*. Entretanto, devido ao

poder delegado pelos leitores aos colunistas, eles mesmos assumem essa função. Assim, escolhem os personagens e o que escrever sobre cada um.

Esse poder de escolha transforma o colunista em um “deus olímpiano”, enquanto que as pessoas comentadas por ele se tornam “olímpianos” alcançando, assim, o posto de pessoa especial (MARQUES DE MELO, 1994).

Dentro do jornalismo esportivo, os olímpianos necessariamente não precisam ser uma única pessoa, uma equipe pode atingir este *status*. Porém, normalmente, os eleitos pelos profissionais da área de esporte são atletas em evidência ou ídolos do passado que até hoje despertam o interesse do público. Até porque, a coluna faz parte do jornal e um jornal só é lido se despertar a curiosidade do leitor.

No caso da coluna analisada, os elementos utilizados como padrão para escolha dos colunáveis não fogem ao tradicional dentro do esporte. Independentemente do lugar de fala assumido por Juca Kfourri, os escolhidos são sempre atletas ou pessoas envolvidas no meio esportivo que por algum motivo estão em evidência. Entretanto, Juca Kfourri não tece comentários, apenas, sobre pessoas que servem como padrão de exemplo, um dos elementos que, normalmente, o colunista social utiliza para escolher o personagem.

Por se tratar de uma coluna esportiva e o jornalista demonstrar interesse por assuntos extracampo, é comum encontrar entre os personagens citados pessoas ou instituições tidas como não gratas pelos torcedores. Nos textos analisados o presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira; o ministro dos esportes, Agnelo Queiroz e o iraniano Kia Joorabchian, representante da empresa MSI, que pretende patrocinar o Corinthians são lembrados.

Com um discurso de torcedor, as vitórias dos ídolos envolvidos nos textos que constituem a coluna são exaltadas com adjetivos que demonstram orgulho de ser brasileiro. Ao mesmo tempo, as derrotas dos olímpianos são explicadas por meio de um discurso de defesa, que anteriormente foi classificado como lugar de fala do advogado.

Mesmo quando o discurso é o de jornalista, o colunista opta por divulgar placares e notícias referentes às maiores equipes do país, ou seja, atingir um maior número de leitores possíveis preenchendo, assim, mais um requisito do jornalismo, que é atender o interesse do público.

Conclusão

No início do século passado, era praticamente impossível imaginar a importância que os esportes iriam atingir perante a população brasileira e sobretudo frente a imprensa brasileira. O esporte que no início do século XX tinha apenas os resultados divulgados em espaços minúsculos dentro dos jornais tradicionais, hoje tem programas destinados ao segmento em todos os veículos de comunicação, sendo que alguns profissionais envolvidos com cobertura esportiva atingiram respeito dentro do jornalismo nacional.

No entanto, com o passar do tempo, o esporte, principalmente o futebol, caiu nas graças dos torcedores que, conseqüentemente, tornaram-se leitores potenciais de notícias referentes à modalidade. A massificação esportiva no país aconteceu de tal maneira, que diários esportivos foram criados, exclusivamente, para atender o público, o qual cada vez mais, se mostra interessado em informações sobre a modalidade preferida.

Muito do sucesso do futebol, esporte que domina os noticiários esportivos no Brasil, se deu ao interesse que a modalidade despertou em grandes escritores do país, que passaram a escrever sobre o assunto. Entre eles Nelson Rodrigues, que entre uma obra e outra, escrevia crônicas apaixonadas sobre o esporte.

Após Nelson Rodrigues, surgiram vários cronistas esportivos que, com textos carregados de juízo de valor e adjetivos, descreviam os clássicos e as jogadas que constituíam as partidas. Entre os que exerceram o papel de cronista esportivo com maior desenvoltura encontra-se João Saldanha, o João Sem Medo, que escrevia sobre tudo e sobre todos que viviam ou influenciavam diretamente o esporte nacional.

No entanto, a introdução da escola americana de jornalismo aqui no Brasil, que com o passar dos anos se popularizou nas redações nacionais, fez com que textos carregados de juízo de valor e de adjetivos parecessem fadados à morte. Para a alegria dos apaixonados por esporte, muitos jornalistas que escrevem de maneira mais entusiasmada sobre o tema conseguiram conquistar notoriedade dentro do mercado de trabalho, graças a uma das modalidades do jornalismo opinativo, o colunismo. Com isso, mantiveram a tradição de textos leves, contrapondo-se um pouco aos conceitos pregados pelo jornalismo norte-americano.

Dentro do colunismo, ex-atletas e profissionais especializados em esporte divulgam idéias, que muitas vezes se misturam às do torcedor e, por isso, tornam os textos

atrativos, mesmo em uma época em que a objetividade é tida como uma das principais virtudes do jornalismo.

Entre os jornalistas que mais se destacaram dentro do jornalismo esportivo do país nos últimos anos, pode citar-se Juca Kfourì. Ele ganhou vários prêmios por matérias investigativas que denunciavam desmandos das pessoas que administram o esporte brasileiro. No entanto, nos últimos anos, após ter obtido experiência em todos os veículos de comunicação (rádio, TV, impresso), Kfourì, assim como muitos outros colegas de profissão, em meados da década de 1990, resolveu investir em uma nova modalidade jornalística que emergia no país.

Dentro do jornalismo *on-line* nem todos conseguiram vencer. Juca Kfourì foi um dos que se adaptaram à dinâmica da nova modalidade. E venceu sem perder a essência. Ele continua a fazer o que mais gosta, ou seja, tecer comentários sobre esportes, sejam dentro ou extra campo. Não atingindo apenas aos atletas, mas também aos dirigentes e empresas que de alguma forma influenciam o esporte nacional.

Sem “papas na língua”, Kfourì em alguns momentos é comparado a João Saldanha. O cronista que morreu em 1990, diga-se de passagem, é o grande ídolo de Juca Kfourì. Com textos dinâmicos, que apesar de serem constituídos de valores e ideologias pessoais, não se tornam chatos e, na maioria das vezes apresentam informações relevantes ao público, Kfourì consegue prender a atenção do leitor.

Um dos segredos do jornalista é a busca constante por lugares de fala, provavelmente, de maneira inconsciente, mas que o aproximam dos torcedores. Independentemente de se colocar como jornalista, advogado ou torcedor, lugares de fala identificados durante a análise, ele sempre se apresenta como defensor dos direitos do torcedor e da opinião do mesmos. Assim, dá a impressão de ser um representante do povo.

No entanto, esse jogo de falas que aproximam o jornalista dos leitores só é possível porque, Juca Kfourì aderiu ao colunismo, gênero do jornalismo opinativo que permite ao profissional maior liberdade na hora de construir textos. Contudo, o livre arbítrio que o colunista adquire também acarreta grande responsabilidade. À medida que é ele quem decide o que é discutido na coluna, assumindo o papel de *gatekeeper*, ou seja, selecionador de informações. Com isso, Juca Kfourì pode transformar os personagens citados na coluna em pessoas bem vistas ou em pessoas não gratas aos olhos dos leitores.

Referências Bibliográficas

Livros

- COELHO, Paulo Vinícios. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.
- DOOLEY, R. A., LEVINSOHN, S. H. *Análise do Discurso: Conceitos Básicos em Lingüística*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ERBOLATO, L., Mário. *Jornalismo especializados: emissão de textos no jornalismo impresso*. São Paulo: Atlas, 1981.
- FERRARI, Pollyana. *Jornalismo Digital*. São Paulo: Contexto, 2003.
- GIL, Antonio. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Termos Chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- MANHÃES, Eduardo. *João Sem Medo: Futebol-Arte e Identidade*. Campinas - SP: Pontes, 2004.
- MANHÃES, Eduardo. *Políticas de Esportes no Brasil*. 2ª ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- MOURA, Leonardo. *Como Escrever na Rede: Manual de Conteúdo e Redação para Internet*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PINHO, J., B., *Jornalismo na Internet: Planejamento e Produção da Informação On-Line*. São Paulo: Sumus, 2003.
- TUBINO, J., G., Manuel. *Dimensões Sociais do Esporte*. 2ª ed. Revista. São Paulo: Cortez, 2001.
- ORLANDI, Eni, *Análise de discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999,
- ORLANDI, Eni, *Discurso e leitura*. Campinas: Edunicamp, 1988.
- NETO, M. de P. Francisco. *Marketing de patrocínio*. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.
- PITTS, G. Brenda., STOTLAR, K. David. *Fundamentos do marketing esportivo*. São Paulo: Phorte, 2002.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 6º ed. Lisboa: Presença, 2001.

Obras não publicada

BARROS, Antonio Teixeira. *Análise de Discurso*. Brasília: UniCEUB, 2003.

Sites

BAFAFÁ. Entrevista. Disponível na Internet.

http://www.bafafa.com.br/noticias.asp?cod_categoria=6&cod_subcategoria=0&cod_noticia=532

Acesso em 11 de outubro, 2004.

IGUTEMBERG. Juca Kfourí – O Marcador de Cartolas. Disponível na Internet.

<http://www.igutenberg.org/jj26entrevista.html>

Acesso em 11 de outubro, 2004

PORTAL DA IMPRENSA. O “Racha” da Imprensa Esportiva . Disponível na Internet.

http://www.portalimprensa.com.br/news_out04_08.asp

Acesso em 11 de outubro, 2004

LANCENET. Disponível na Internet.

<http://www.lancenet.com.br>

Acessos em setembro e outubro, 2004

NUNES, Leticia. Pelé Crítica, Imprensa Rebate. Disponível na Internet.

<http://www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?=295FDS001>

Acesso em 11 de outubro, 2004

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Juca Kfourí Cassado Pelo “Coronel” Havellange. Terrorismo e Convivência Às Vésperas da Copa. Disponível na Internet.

<http://www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/jd200598a.htm>

Acesso em 11 de outubro, 2004

PERSOTTO, Prsio. Juca Kfourir: Sucessor Moral de João Saldanha. Disponível na Internet.

http://www.mandandopraparede.hpg.ig.com.br/juca_kfourir.html

Acesso em 11 de outubro, 2004.

PORTAL DA IMPRENSA. O “Racha” da Imprensa Esportiva . Disponível na Internet.

http://www.portalimprensa.com.br/news_out04_08.asp

Acesso em 11 de outubro, 2004

QUEIROZ, Bete. Juca Kfourir – O Homem e Suas Paixões . Disponível na Internet.

<http://www.vero.com.br/MAI02personalidade.htm>

Acesso em 11 de outubro, 2004

Anexos

Zagallo vira bronze e se desmancha em fel (Metáfora)

Zagallo completou 73 anos ontem e recebeu justa homenagem: um busto de bronze no hall de

elevadores do Maracanã, onde brilhou com as camisas do Flamengo, do Botafogo, da seleção carioca e da Seleção Brasileira.

Emocionado, o tetracampeão mundial, duas vezes como jogador, em 1958 e em 1962, uma vez como técnico, em 1970, e mais uma como coordenador, em 1994, agradeceu a perpetuação ainda em vida e até aí estava tudo muito bem, tudo muito bom.

Mais como o escorpião que não perde o seu modo de ser, mais uma vez Zagallo exorbitou ao não se limitar a festejar a nova glória.

Se um dia, ao ser campeão da Copa América, impôs que todos deveríamos engoli-lo, agora disse que Bebeto de Freitas merece ver o Botafogo na segunda divisão, porque não o homenageou com uma foto na galeria dos ídolos que comemora o centenário do clube.

Ora, é até possível que Bebeto de Freitas mereça mesmo críticas pelo esquecimento.

Mas que outros a façam, não quem se julga merecedor do gesto. Porque elogio em boca própria é vitupério.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Só dá paulistas na Taça Libertadores

Terminado o primeiro turno do Campeonato Brasileiro, é assustador constatar que, neste momento, apenas o futebol de São Paulo representaria o Brasil na Taça Libertadores da América.

Tudo porque o Santo André já está classificado por ter vencido a Copa do Brasil e porque Santos, Ponte Preta, São Paulo e Palmeiras ocupam os quatro primeiros lugares do Brasileirão.

Tamanho desequilíbrio revela muito mais a fragilidade de outros centros do futebol nacional do que a força de São Paulo, que já teve times muito mais fortes sem que isso significasse tal domínio.

Claro que ainda falta um turno inteiro pela frente, 23 rodadas, e nada impede a mudança desse quadro, que tem muito a ver, também, com a fragilidade do atual futebol praticado pelos clubes cariocas, com dois representantes, Botafogo e Flamengo, entre os clubes que seriam rebaixados se o campeonato tivesse acabado.

Com o complemento da última rodada do primeiro turno, mais uma vez nenhum carioca venceu. O Vasco e o Flamengo já tinha perdido anteontem e, ontem, o Botafogo e o Fluminense também tropeçaram.

O Fogão ao ficar no 1 a 1 com o Atlético Paranaense, no Rio, e o Flu ao perder para o Palmeiras, de virada, por 3 a 2, em São Paulo.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Desemprego e emprego: uma festa no Rio de Janeiro

Nunca tinha acontecido antes.

Três dos quatro grandes do Rio ficaram sem técnicos no fim de semana.

O Fluminense dispensou Ricardo Gomes porque o tricolor empatou com o Paysandu, no Maracanã.

O Botafogo dispensou Mauro Galvão porque perdeu para o Goiás, no Serra Dourada.

E o Flamengo recebeu a demissão de Paulo César Gusmão mesmo depois da vitória sobre o Grêmio, no Maracanã.

Ele se queixou de interferências da direção rubro-negra na escalação do time.

Três novas vagas estão abertas no mercado do futebol.

O primeiro candidato a preencher uma das vagas é Paulo Bonamigo, no Botafogo.

Na dupla Fla-Flu ainda há só especulações.

Seja como for, nem em General Severiano nem na Gávea nem nas Laranjeiras a solução está na troca de treinadores.

Os três precisam de times e de dirigentes com mentalidade nova, produto escasso no mercado do futebol.

Só mesmo o Vasco parece saber disso.

Tanto que manteve o técnico Geninho, apesar de ter perdido as últimas quatro partidas que disputou.

Até quando, eis a questão.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Lambança que dá misturar futebol e política

Eu queria falar de vôlei, do fabuloso Brasil e Itália de ontem em Atenas.

Daquele último ponto, interminável, que só acabou no chão italiano depois do impossível bloqueio brasileiro, 33 a 31.

Mas vou ter de voltar ao assunto futebol e política, em torno do quase clandestino jogo entre as seleções de futebol do Brasil e do Haiti em plenas Olimpíadas.

Eis que ontem foram convocados os jogadores da Seleção Brasileira para enfrentar a Bolívia, no Morumbi, pelas eliminatórias da Copa do Mundo.

E para estarrecimento geral, soubemos que os jogadores brasileiros do Milan e do Bayern Munique que não foram liberados para o tal "jogo da paz" ficaram fora da convocação, por ordem de Ricardo Teixeira que Carlos Alberto Parreira, desgraçadamente, obedeceu.

Dida, Cafu, Kaká, Zé Roberto e Lúcio foram castigados, porque não teriam forçado a barra para ir ao Haiti.

O que o governo Lula ganha com isso?

Como fica para a imagem do governo o fato de Cafu, o capitão do pentacampeonato, que vestiu a camisa dos excluídos do Jardim Irene ao levantar a taça, ser vítima de tal injustiça, porque seu empregador não o liberou para um jogo menor e de risco?

O que pensarão do governo aqueles que queriam ver Kaká no Morumbi, onde ele deu seus primeiros passos? O que dirá o corintiano Lula ao ver o goleiro Dida do seu Timão campeão mundial da Fifa substituído por Júlio César?

Tudo porque eles não puderam ser os "soldados da CBF", como definiu o presidente da entidade.

É o que dá misturar futebol com política.

O tiro sai pela culatra.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Os atletas do vizinho ganham ouro amarelinho

O politicamente correto, e o justo, será tratar aqui de Robert Scheidt, agora o melhor atleta olímpico da história do Brasil, como ele merece, depois de ganhar sua segunda medalha de ouro nas Olimpíadas.

Scheidt é um atleta extraordinário, já foi eleito o melhor velejador do mundo, e o que é deve

apenas a ele mesmo, aos seus parentes e patrocinadores.

O esporte que pratica, no entanto, não emociona a massa, é difícil de ser acompanhado e é para poucos num país como o Brasil.

Já o tênis, por exemplo, é diferente, embora também ainda seja um esporte de elite por aqui. Mas depois do Guga, todo mundo passou a saber o que é um ace, um tie-break, um set, um game, um smash.

E foram dois tenistas chilenos, mesmo correndo o risco de parecer pouco patriota e politicamente incorreto, os dois maiores heróis deste fim de semana olímpico.

Nicolas Massú e Fernando González são os nomes deles.

Num jogo que começou no sábado e acabou às duas e meia da manhã da madrugada do domingo ateniense, os dois derrotaram a dupla alemã Kiefer/Schuettler por 3 a 2, numa partida dramática que durou três horas e 43 minutos.

Com três detalhes.

Primeiro detalhe: os dois ganharam a primeira medalha de ouro da história do Chile, único país sul-americano a participar da primeira edição dos Jogos Olímpicos, em Atenas, em 1896, 108 anos atrás, portanto.

Segundo detalhe: Fernando González entrou na quadra para jogar duplas apenas sete horas depois de ter vencido a disputa pela medalha de bronze contra o norte-americano Taylor Dent, num jogo que também levou mais de três horas, exatamente 25 minutos além das três horas, e cujo último set acabou em espantosos 16 a 14.

Terceiro detalhe: Nicolas Massú voltou à quadra no mesmo domingo onze horas depois da epopéia das duplas para disputar o ouro individual com o norte-americano Mardy Fish. E precisou jogar mais quatro horas para derrotar o rival por 3 a 2 e ganhar o segundo ouro da vida chilena.

Em tempo: o nome Nicolas vem do grego Nikólas e significa vitorioso do povo. O povo chileno não tem a menor dúvida disso.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Um russo milionário na parceria do Corinthians

Quem está por trás da tal MSI, a empresa recém criada e presidida pelo esfuziante iraniano Kia Joorabchian e que deve virar parceira do Corinthians hoje à noite se o conselho do clube aprovar, é mesmo o milionário russo Boris Berezovski. Russo e iraniano já foram parceiros na compra da editora Kommersant, na Rússia.

Berezovski, de 57 anos, foi do grupo político de Boris Yeltsin, ex-presidente russo, e tornou-se dono de uma fortuna estimada em três bilhões de dólares, graças ao controle de

empresas de mídia, petróleo, alumínio e automóveis.

Hoje vive em Londres, sede da tal MSI, fugido da Justiça russa, que quer extraditá-lo.

Ele é acusado de ter ligações com a máfia chechena e foi condenado, em 2002, por extorsão cometida 10 anos atrás. Inimigo do atual presidente russo, Vladimir Putin, com mandado internacional de prisão expedido contra si, Berezovski tem desde setembro do ano passado o status de "refugiado político".

Recentemente viajou para a Geórgia, país visitado pela comitiva corintiana que foi à Europa na semana passada, com nome trocado, segundo ele "por iniciativa das autoridades inglesas que visou protegê-lo dos russos".

Berezovski viajou no avião de seu sócio, o empresário georgiano Badri Patarrkatsichvili.

Tudo faz sentido.

O russo Berezovski mora em Londres, sede da MSI, tem antigas relações com o iraniano Kia Joorabchian e lida, entre outras coisas, com grupos de comunicação.

E tudo que a MSI quer, ao entrar no Corinthians, é mudar a relação do clube com a TV.

Coisa que tentou antes com o Santos, via Renato Duprat, o ex-empresário da Unicór, que patrocinou o clube e faliu.

O que, aliás, desmente as primeiras entrevistas do iraniano Joorabchian, nas quais disse ter se tomado de amores pelo Corinthians desde que o conheceu, anos atrás. Na verdade, o Santos era o objetivo.

Mas a mentira do iraniano parece menos perigosa que o perfil do milionário Berezovski, alvo de uma série de reportagens do jornalista norte-americano Paul Khlebnikov, chefe de redação da edição russa da revista Forbes, recentemente morto com quatro tiros em Moscou.

O jornalista chamava Berezovski, simplesmente, de "o padrinho do Kremlin".

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Hoje as mulheres podem fazer o que os homens nunca fizeram (Ironia)

É hoje que as mulheres podem dar uma prova definitiva da superioridade feminina. As meninas do futebol brasileiro, desprezadas, sem apoio, vítimas de preconceitos de todos os tipos, podem ganhar o primeiro ouro olímpico para o futebol brasileiro.

A parada é dura, duríssima, diante das favoritas norte-americanas, a quem as brasileiras venceram apenas uma vez em 20 jogos, num amistoso, sete anos atrás em São Paulo.

E para quem perderam 17 vezes, em amistosos e torneios oficiais. A parada é dura, duríssima,

mas não é impossível, porque a Seleção Brasileira está jogando muito bem.

Além do mais, a medalha de prata para elas já será um prêmio enorme e não se trata de desculpa antecipada, não.

Porque se os homens falharam tantas vezes e já perderam duas finais, em 1984, com Mauro Galvão e Dunga, para a França (2 a 0) e em 1988, para a União Soviética (2 a 1), com Taffarel, Jorginho, Neto, Romário, Bebeto, Careca, porque elas não teriam o mesmo direito? Só que o Harém Simões não quer nem ouvir falar nisso.

E hoje, às três da tarde, estamos todos convidados a torcer muito por elas. Guarde esses nomes: Andréia, Juliana Cabral, Mônica e Tânia Maranhão; Elaine Baiana, Daniela Alves, Formiga e Rosana; Pretinha, Marta e Cristiane. Quem disse que futebol é pra homem?

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

A volta do complexo de vira-latas

Depois que a Seleção Brasileira perdeu a Copa do Mundo de 50, no Maracanã, Nelson Rodrigues criou a teoria de que somos um povo com complexo de vira-latas. O que foi exorcizado com a conquista da mesma Copa do Mundo, na Suécia, em 58. Pois vem de Atenas uma incômoda sensação de que estamos em plena fase de recaída.

Exceção feita à medalha de ouro conquistada pela dupla masculina de vôlei de praia, nenhuma das outras seis medalhas compensam o mal-estar. Porque as duas de ouro da vela são distantes demais dos sonhos dos brasileiros. A de prata do vôlei de praia foi conquistada com uma derrota para uma dupla norte-americana, muito superior.

A do futebol feminino também veio com derrota para as sobrinhas **de Tio Sam**, muito embora tenha sido fruto de verdadeiro heroísmo das nossas atletas e de um erro imperdoável de arbitragem, que não deu um pênalti claro para a Seleção Brasileira já na prorrogação. Mas perdemos.

E as duas de bronze do judô, também distantes da paixão popular, ficaram abaixo da expectativa em relação ao esporte. Não bastasse tudo isso, houve duas derrotas emblemáticas.

A de Bimba no windsurf, quando um terceiro lugar valeria ouro, e o 16o. valeria, ao menos, o bronze. Pois eis que ele chegou em 17o.

A outra derrota, ainda mais doída, foi a do vôlei feminino, real candidato à medalha de ouro. E não é que as meninas fizeram 2 sets a 0 diante das russas e tiveram nada menos que sete bolas para fechar o jogo e erraram todas?! Chegaram a estar com 24 a 19 no quarto set e permitiram a virada!

Certamente foram vítimas do famoso medo de serem felizes. Coisa que só se resolve com um permanente trabalho de psicologia esportiva. Mas que parece não estar nos planos de quem só pensa em se hospedar no elegante hotel flutuante, o Queen Mary II.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Uma nódoa nas Olimpíadas de Atenas

Nada causou mais impacto no domingo esportivo do que a violência cometida por um fanático religioso na Maratona que encerrou os Jogos Olímpicos.

Nem mesmo a fantástica conquista da medalha de ouro pela turma do Bernardinho, talvez o melhor e mais concentrado grupo jamais visto na história no vôlei mundial.

Nem ainda as valiosas vitórias do Flamengo e do Corinthians, contra o São Caetano, no ABC, e contra o Palmeiras, no Morumbi.

Ou nem mesmo a brilhante reação do Cruzeiro contra o Santos, no Mineirão. Com 10 jogadores, os mineiros buscaram um 4 a 4 numa partida que estava 4 a 1.

Porque o que houve na Maratona é inédito e inexplicável. No episódio, erraram todos. A começar pelo fanático religioso, é óbvio.

A continuar pela cartolagem do Comitê Olímpico Internacional, que não quis fazer aquilo que a sensibilidade e o bom senso determinavam: dar também ao brasileiro uma medalha de ouro, tão claro foi o prejuízo que sofreu.

E a terminar pelo erro do próprio magnífico Vanderlei Cordeiro de Lima, o heróico paranaense que perdoou o agressor e nem quis reivindicar o que era seu direito.

Generosidade não pode ser confundida com conformismo. O episódio foi a mancha que Atenas não precisava.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Um outro balanço da participação brasileira em Atenas

E, afinal, o Brasil foi bem ou o Brasil foi mal nas Olimpíadas? Sem querer ficar em cima do muro, eu diria que nem foi bem nem foi mal. Fez o esperado, sem motivo para euforia ou depressão.

Se o critério escolhido for o da quantidade de medalhas de ouro, as quatro ganhas pela vela e pelo vôlei de quadra e de praia, colocam o Brasil na frente da Espanha, por exemplo.

Espanha que, no entanto, ganhou um total de 19 medalhas, nove a mais que o Brasil.

Já se for feita uma média ponderada, atribuindo peso 3 às medalhas de ouro, 2 às de prata e 1

às de bronze, o Brasil também fica atrás da Espanha e a Rússia passa a China, segunda colocada no critério mais usado, o das medalhas de ouro.

O fato é que faltam critérios mais objetivos, seja o da proporção entre as medalhas conquistadas com o número de atletas em cada delegação, seja o do retorno do investimento, que apura o custo médio das medalhas, seja o que estabeleça relação entre as medalhas e a população dos países.

No quesito relação entre medalhas conquistadas e tamanho da delegação, o Brasil ganhou uma medalha para cada 17 atletas, enquanto a Rússia ganhou uma medalha a cada quatro atletas, os Estados Unidos uma a cada 4,3 e a China uma a cada 4,7.

Entre os 27 primeiros no quadro de medalhas, só a Grécia tem média pior que o Brasil, uma medalha a cada 17,9 atletas, com a atenuante de que a Grécia era o país anfitrião, ou seja gastou muito menos com seus 269 competidores que o Brasil, com 170.

O desempenho brasileiro tem a cara do Brasil.

Os esportes de elite dão de goleada nos mais populares, com maior número de medalhas para esportes como o iatismo, hipismo e vôlei.

A prata do futebol feminino é a exceção para confirmar a regra.

Não há, portanto, do que se ufanar e não haverá enquanto o Brasil não fizer o que importa: ter uma Política de Esportes que bote o país para se mexer.

Mais do que medalhas, que explicam algumas coisas e ocultam outras, o que interessa mesmo é ter um país saudável e o recorde de medalhas de ouro, neste sentido, não significa rigorosamente nada.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Dos oito jogos de hoje, dois valem mesmo seis pontos

Dois dos oito jogos de hoje pelo Campeonato Brasileiro valem seis pontos. Pontos preciosos.

Um será disputado em Caxias do Sul, entre o surpreendente Juventude e o Santos, os dois com 48 pontos.

Sem Robinho, na Seleção Brasileira, o Santos corre sérios riscos de perder a liderança e a vantagem de uma vitória a mais que tem sobre os gaúchos.

O Santos não tem se dado bem no sul do país neste campeonato: jogou quatro vezes e perdeu as quatro, duas vezes em Curitiba, uma em Florianópolis e outra em Porto Alegre.

O outro jogo de seis pontos será em Campinas.

A sexta colocada Ponte Preta recebe o quarto colocado Palmeiras. A Macaca tem 45 pontos e o Periquito tem 47.

Para se ter uma idéia da importância desses dois jogos, dois resultados normais, como um empate no sul e uma vitória palmeirense em Campinas, farão do alviverde o novo líder.

E vale dizer, também, que hoje, dia do aniversário de 94 anos do Corinthians, o Pacaembu será palco de um clássico alvinegro, entre o Timão e o Galo.

Timão que aparece quatro vezes nos dez jogos de maiores públicos no campeonato, nos três primeiros e no sétimo.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

A noite do Santos. E do Corinthians

O Santos ganhou do Juventude no finzinho (2 a 1), com um gol maravilhoso de Ricardinho, e pôde comemorar uma bela noite.

Livrou três pontos do time gaúcho e ainda viu seus mais diretos perseguidores se darem mal: o Palmeiras, que empatou com a Ponte Preta sem gols; o Goiás, que perdeu para o Figueirense (3 a 2); a Ponte Preta, que empatou com o Palmeiras; e o São Paulo, que perdeu para o Coritiba (3 a 2).

Quer dizer, o Santos, sem Robinho, ganhou 16 pontos numa noite só e pode sonhar seguro com o bicampeonato.

Já o Corinthians também ganhou os mesmos 16 pontos ao vencer o Galo (1 a 0) e ver cinco dos sete times que estão à sua frente irem mal.

Só faltava mesmo o Santos não ter vencido.

Como só falta, para Santos e Corinthians, que aconteça uma surpresa hoje em Curitiba, onde o Atlético Paranaense, a três pontos do Santos, e quatro na frente do Corinthians, recebe o lanterna Guarani.

Enfim, o Santos nem fazia anos e teve muito a comemorar.

O Corinthians comemorou 94 anos e também teve. E já pode sonhar com a Libertadores.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Depois do “Jogo da Paz”, o “Jogo da Injustiça”

No Haiti, a Seleção Brasileira foi protagonista do chamado "Jogo da Paz".

Domingo, no Morumbi, pelas Eliminatórias da Copa do Mundo, contra a Bolívia, a Seleção jogará o "Jogo da Injustiça".

Tudo porque, ao "Jogo da Paz", não puderam comparecer, impedidos por seus clubes na Europa, cinco titulares da Seleção: Dida, Cafu, Lúcio, Zé Roberto e Kaká.

A CBF os acusou de não terem se esforçado o suficiente para atender à convocação e resolveu castigá-los, não os convocando para a partida diante da Bolívia.

Castigou os atletas, um deles, Cafu, capitão da campanha do pentacampeonato, castigou a Seleção e castigou o torcedor paulista, que tem, nos corintianos, fãs de Dida e, nos são paulinos, admiradores de Cafu e Kaká.

Premiados, apenas, o Milan e o Bayern, felizes por poder contar seus cinco jogadores em datas que seriam obrigados a cedê-los para a Seleção.

Constrangidos a obedecer ordens superiores, Carlos Alberto Parreira e Zagallo já davam o episódio por encerrado quando Ricardo Teixeira, ontem, resolveu falar. E fez uma emenda pior que o soneto.

Disse que foram os clubes europeus que prejudicaram os atletas, esquecido de que a CBF não é um clube europeu e que foi a CBF que não os convocou.

Mas disse mais. Disse que os jogadores estavam avisados de que quem não jogasse no Haiti não seria mais convocado. E completou, em sua arrogância sem fim, agora aparentemente reforçada pelas boas relações que estabeleceu com o governo federal: "Quando quisermos, eles serão convocados".

Cafu disse à CBN, na terça-feira passada, que fez tudo que podia para ser liberado pelo Milan, que chegou até a implorar, e que diz na cara de quem for que é mentira que os jogadores não tenham se esforçado. Agora, você decide: você acredita no capitão Cafu ou no presidente da CBF?

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Seleção dá espetáculo e esbarra no goleiro boliviano

Foi 3 a 1 mas poderia ter sido, cinco, seis. Só não foi porque no gol boliviano tinha uma verdadeira barreira, chamada Fernandez. Mas, valeu.

Pouco mais de 56 mil torcedores viram um verdadeiro show de bola. Tudo porque, com 50 segundos de jogo, Ronaldo abriu o marcador e demoliu o esquema defensivo armado pelos bolivianos.

E, aí, ficou muito fácil, ainda mais porque, aos 12 minutos, a Seleção Brasileira fez 2 a 0, num pênalti sofrido pelo zagueiro Roque Júnior e convertido por Ronaldinho Gaúcho.

O 3 a 0 saiu ainda no primeiro tempo, aos 43, gol de Adriano, de cabeça.

Pouco antes, entre o 37o. e o 38o. minutos, a Seleção trocou bola de pé em pé, do lado esquerdo com Ronaldo ao direito, com Belletti, até que Ronaldinho Gaúcho chutasse por cima do gol, ao som de um olé entoado por todo o Morumbi.

No segundo tempo a Bolívia descontou logo aos 3 minutos, numa bola que desviou em Edmílson e impediu a defesa de Júlio César, que estava na bola. Não fosse o desvio e o goleiro brasileiro teria feito sua única defesa no jogo todo.

Isso mesmo, Júlio César não fez nem sequer uma defesa nos 90 minutos, ao contrário de Fernandez, que pegou pelo menos cinco bolas bem difíceis.

Com a vitória e o show de bola, a Seleção continua em primeiro lugar nas Eliminatórias, com 16 pontos ganhos, um a mais que a Argentina e dois a mais que o Paraguai, que também venceram o Peru e a Venezuela.

Mais que isso, a Seleção saiu aplaudida de São Paulo, coisa que não acontecia há um tempão.

Notas

Júlio César: A única bola que foi em seu gol, entrou, sem culpa. Foi o chamado espectador privilegiado. 7,0

Belletti: Sem o carisma e o futebol de Cafu, participou bastante do jogo. Mas poderia ter sido mais eficaz. 6,0

Edmílson: Perdeu o cacoete de zagueiro. Sorte que não tenha sido muito exigido. Mas não comprometeu. 6,5

Roque Júnior: Fez uma jogada de atacante no lance do segundo gol. E não teve trabalho como zagueiro. 7,0

Roberto Carlos: Dele sempre se espera muito. Como nem precisou, jogou mais na frente que atrás. 7,0

Gilberto Silva: Quase não apareceu, de tão discreto. No segundo tempo teve alguma utilidade. 6,0

Edu: Trabalhador, tático, cumpridor. Não é um jogador de brilho, mas deu o primeiro gol. 7,0

Juninho Pernambucano: Não parecia 100%, estava cauteloso. Mas se emprega e joga na toada das estrelas. 7,0

Ronaldinho Gaúcho: Homem-show. Também pareceu se poupar, mas fez três ou quatro jogadas de grande brilho. 7,5

Adriano: Um veterano, pela personalidade, coragem. Se Ronaldo não tivesse com tanta sede, faria mais. 7,5

Ronaldo: Um gol, três dribles fabulosos, um certo egoísmo, divertiu-se e divertiu. Para que mais? 8,0

Alex: Em que time do mundo sai Ronaldinho entra Alex? Teve pouca participação. 6,0

Renato: Mais inteiro que Juninho, fez pelo menos um lançamento espetacular e quis jogo. 6,5

Robinho: É sinônimo de alegria e arte. Deu graça quando o jogo queria morrer. Uma arma poderosa. 7,0

Carlos Alberto Parreira: Botou o time para frente, teve a sorte do gol relâmpago e deixou o time dar espetáculo. 7,5

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Dois grandes jogos e mais seis atrações na volta do feriadão

O que tem de bom futebol hoje não é brincadeira.

Que tal começar com Alemanha e Brasil, em Berlim, a reedição da final da Copa de 2002, os alemães em busca de renovação, os brasileiros certos de que têm uma ótima geração?

O jogo começa às 15 para as quatro e vale até matar o serviço ou as aulas, palpito politicamente incorreto ainda mais depois do feriadão. Mas que vale, vale.

Juan volta ao time, o que devolve Edmilson ao meio de campo e barra Gilberto Silva. De resto, joga o time que passeou no domingo passado no Morumbi, um time mais cansado, é claro, porque passou a segunda-feira viajando e não teve tempo para se recuperar da diferença de fuso horário.

À noite, na Vila Belmiro, outro jogo que promete: Santos e Atlético Paranaense, os dois líderes do Campeonato Brasileiro, cada um com 51 pontos, o primeiro jogo que soma mais de 100 pontos na competição.

Pena que o Santos não vá ter nem Elano nem Deivid, suspensos, e nem Robinho, que está na Seleção. E pena que no Atlético não jogue Dagoberto, também suspenso.

Além desses dois jogos, mais seis preenchem a noite do torcedor: Goiás x Criciúma, com ares de revanche porque os catarinenses enfiaram seis gols nos goianos no primeiro turno; Paraná x São Paulo, com a estréia de Leão no tricolor paulista; Guarani x Corinthians, o desespero do lanterna contra o sonho corintiano de se aproximar ainda mais dos líderes; Inter x Flamengo, com a estréia de Muricy Ramalho no Colorado diante da reação rubro-negra; Galo x Juventude e São Caetano x Figueirense.

Bem, como o meu serviço é ver tudo isso, prometo que vou me esforçar para assistir o que der e não me queira mal por isso. Porque enquanto você gozou o feriadão eu não fiz outra coisa a não ser ver os cinco jogos das Eliminatórias sul-americanas, além de um jogo da série B do Campeonato Brasileiro e algumas partidas de tênis do Aberto dos Estados Unidos.

Por falar nisso, hoje tem, ainda, um pega sensacional em Nova Iorque: Andre Agassi x Roger Federer. Verei também.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

E tudo acabou numa quarta-feira esportivamente frustrante

Não foi a quarta-feira que sonhamos. Alemanha e Brasil não fizeram um grande jogo e se o 1 a 1 foi justo o futebol ficou devendo, até porque a Seleção Brasileira estava evidentemente cansada. A rodada do Campeonato Brasileiro também não mostrou nenhum grande espetáculo.

No jogo dos líderes entre Santos e Atlético Paranaense, outro 1 a 1, os desfalques pesaram para que o jogo fosse apenas muito disputado mas pouco técnico. Também, pudera, nem Robinho nem Dagoberto nem Elano nem Deivid puderam jogar. Mas o empate foi bom para o Campeonato Brasileiro, porque nenhum líder disparou.

O Goiás ganhou do Criciúma (2 a 1); o Juventude arrancou um empate do Galo (1 a 1); o São Paulo ganhou bem do Paraná Clube na estréia de Leão (2 a 0) e o Corinthians ganhou mais uma, agora do Guarani (1 a 0). Assim, Santos e Atlético Paranaense têm 52 pontos; Goiás e

Juventude têm 49; São Paulo e Palmeiras têm 48 e o Corinthians já tem 47.

A Ponte Preta pode chegar hoje aos 49, mas para tanto terá de ganhar do Coritiba em Curitiba. Na luta contra o rebaixamento, o Flamengo ganhou um ponto precioso em Porto Alegre ao empatar sem gols com o Inter, na estréia de Muricy Ramalho como técnico colorado.

E Paraná Clube e Guarani se afundaram ainda mais, no penúltimo e no último postos. O Galo corre risco, porque está apenas três pontos na frente do Grêmio, o primeiro dos quatro últimos. Grêmio que enfrenta o Botafogo, o segundo dos últimos, hoje no Rio.

Para completar a frustração em termos de espetáculo, eis que a chuva impediu que terminasse o jogão de tênis entre Andre Agassi e Roger Federer, pelo Aberto dos Estados Unidos. O suíço Federer ganhava por 2 a 1, com parciais de 6-3, 2-6 e 7-5.

O jogo deve continuar hoje, o que pode salvar a quinta-feira, porque não se pode esperar bom futebol, por exemplo, de Botafogo x Grêmio e Vitória x Fluminense ou, até mesmo, de Coritiba x Ponte Preta.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

O esporte brasileiro começa a pensar no que quer ser quando crescer

A cerimônia de ontem em Brasília, quando o presidente Lula recebeu os atletas brasileiros que foram a Atenas, pode ser um marco na política esportiva do Brasil.

Esperava-se, como o prometido pelo ministro dos Esportes, Agnelo Queiroz, o anúncio de uma lei de incentivos para o esporte.

Mas não foi o que aconteceu.

A lei trombou no ministério da Fazenda, porque o ministro Palocci está mais preocupado em corrigir as distorções da lei de incentivos para a Cultura, a chamada Lei Rouanet, do que em criar uma outra lei parecida para o Esporte.

E o presidente limitou-se a anunciar uma dotação orçamentária com vistas a fazer chegar recursos à massificação do esporte no país, diferentemente do que queria o ministro dos Esportes, que pensava em favorecer os esportes de alto rendimento.

Coisa de 200 milhões de reais.

Agnelo Queiroz teve de engolir em seco e apoiar a política do governo, a exemplo do que já fizera quando passou a desdizer o que havia dito a favor dos bingos.

Na verdade, parece que Lula se convenceu que deve pensar o esporte como fator de inclusão social, linha de pensamento que encontra muitos adeptos dentro do próprio ministério dos Esportes, embora não seja, repita-se, a visão do ministro, embevecido com os rapapés do Comitê Olímpico Brasileiro.

É da quantidade que se tira qualidade e, ainda mais importante, a prática massificada do esporte é essencial para se fazer um país mais saudável.

A massificação sim deve ser uma preocupação do Estado. O investimento na excelência esportiva, num país com tantas carências, ainda é atribuição da iniciativa privada, que só terá a lucrar se souber investir e cobrar resultados de cada real que puser em atletas de alto nível.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Com 65 brasileiros, começa hoje a Copa dos Campeões. Da Europa

Há quem ache que é sinal de força do futebol brasileiro.

Com 32 times, começa hoje a Copa dos Campeões da Europa, com nada menos que 65 jogadores brasileiros.

Dos 32 times, apenas cinco não têm atletas daqui.

Só a França tem mais jogadores no torneio que o Brasil, 69, apenas dois a mais. E a França tem três times na Copa, contra, é claro, nenhum do Brasil.

Só o catalão Barcelona tem seis brasileiros. O lusitano Porto tem seis. O francês Lyon tem cinco.

Outros quatro clubes, têm quatro brasileiros cada um: o turco Fenerbache, o holandês PSV, o italiano Milan e o alemão Bayer Leverkusen.

Prova, sem dúvida, do talento do jogador brasileiro.

Mas prova, também, da fraqueza de nosso futebol, incapaz de manter seus ídolos por aqui.

Exportar pé-de-obra é a saída para quem tem sido incapaz de organizar o futebol nacional de maneira a torná-lo mais rentável.

O pior é que para a CBF, este é o melhor dos mundos. (irônia)

Os jogadores brasileiros se acostumam a jogar nos padrões e condições climáticas da Europa, impõem respeito por lá e passam a olhar as estrelas européias com absoluta familiaridade.

Quando se juntam na Seleção Brasileira, dá no que dá: três finais consecutivas e duas conquistas nas últimas três Copas do Mundo.

Melhor: diferentemente do que acontecia nos anos 60, por exemplo, quando as cotas do Santos de Pelé para excursionar pelo mundo eram até maiores que a da Seleção, hoje não há nenhum time brasileiro que rivalize com ela.

Você pode acompanhar a Copa dos Campeões em dois canais fechados de TV, a ESPN e a ESPN-Brasil e, na TV aberta, na RedeTV.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Copa dos Campeões da Europa começa com quatro gols brasileiros

Primeiro, duas correções: escrevi ontem que 67 brasileiros estão na Copa dos Campeões e que só o Barcelona tinha sete.

Não é verdade. São 65 os brasileiros e o Barça tem seis.

Contei duas vezes o Deco na equipe catalã e contabilizei um angolano como se fosse brasileiro.

O Deco, por sinal, que é naturalizado português, fez um dos gols na estréia do Barcelona na vitória de 3 a 1 sobre o Celtic, da Escócia, em Glasgow, numa jogada que teve a participação de Ronaldinho Gaúcho, que perdeu um pênalti.

Luís Fabiano, do Porto, atual campeão europeu, e Vagner Love, do CSKA, da Rússia, se enfrentaram.

Como não marcaram, o jogo acabou 0 a 0.

Já Adriano marcou, e duas vezes, na vitória da Inter de Milão contra os alemães do Werder Bremen.

E, finalmente, o ex-zagueiro do Santos, Alex, hoje no holandês PSV, também marcou seu gol, só que contra, para o Arsenal, que venceu exatamente por causa deste gol, 1 a 0.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Sábado e domingo repletos de atrações

A 31ª rodada do Brasileirão reserva jogos para todos os gostos.

No sábado, o líder Santos recebe o Galo, às 6 da tarde. Tem cara de goleada.

Às 4, é o Azulão que recebe o desesperado Grêmio, também com cara de goleada.

E tem, além de Criciúma e Fluminense, um jogo de dar dó: Paraná e Guarani, o antepenúltimo contra o último.

Já no domingo tem até dois clássicos.

Um no Morumbi, entre São Paulo e Corinthians, com o alvinegro sonhando em deixar o tricolor para trás. Jogo sem prognóstico.

Tem também Vasco e Botafogo, apesar de tudo, um clássico sim senhor!

O Flamengo tem uma dureza em Volta Redonda, pois tem o bom Goiás pela frente.

O Cruzeiro, com ares de quem quer se recuperar, recebe o Furacão, e nessa ventania tudo é possível.

Coritiba e Palmeiras jogam no Paraná as suas chances de continuar vivos no campeonato.

Entre os jogos menos votados, ainda vamos ver Paysandu x Figueirense, Inter x Vitória e Juventude x Ponte Preta.

Mas vá convencer os torcedores desses clubes que vão ser jogos, de fato, menos votados.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

O futebol brasileiro conhece o caminho dos doleiros

O relator da CPI do Banestado, deputado José Mentor, do PT-SP, tem documentos que comprovam a remessa ilegal de dinheiro do futebol brasileiro para o exterior.

Não só de figuras graúdas de nosso futebol, como até de intermediários de contratos de patrocínio que envolveram a Seleção Brasileira.

É urgente convocar os suspeitos, sob o risco de deixar a desagradável sensação de que existem acordos com a cartolagem nacional ou que as informações estão sendo usadas como forma de pressionar os tais cartolas.

Doleiros que estão presos pela Polícia Federal têm dado com a língua nos dentes e a opinião pública não pode ficar ignorante diante de fatos de tamanha gravidade.

Sob pena de generalizações perigosas e injustas.

Remessas suspeitas de clubes, entidades dirigentes e pessoas físicas já estão mais que identificadas e é preciso trazê-las a público para que não parem dúvidas.

Será melhor dar o direito aos suspeitos de esclarecerem o que pesa contra eles do que ver na imprensa o registro de operações fora dos padrões legais e dos bons costumes.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

O misterioso iraniano que quer ser parceiro do Corinthians é inglês ou canadense

O iraniano Kia Joorabchian que quer ser parceiro do Corinthians nem é mais iraniano, porque é inglês ou canadense.

Pelo menos isso é o que foi possível levantar em cinco registros sobre sua identidade, nos quais ele aparece três vezes como canadense e duas como inglês.

Pior: três vezes como Kia Joorabchian, uma como Kiavash Joorabchian e outra como Kia Kiavash.

Pior ainda: duas vezes como alguém que nasceu em 14 de julho de 1971, uma vez em 14 de julho de 1970 e outra vez como nascido em 25 de julho de 1971.

E ainda muito pior: como alguém que responde a processos em duas das 13 empresas em que aparece como sócio, empresas que vão desde uma academia de ginástica, passando por lojas de venda de automóveis e combustíveis, até uma envolvida em corrida de cavalos.

Na duas empresas em que é processado, uma nos Estados Unidos e outra nas Ilhas Virgens Britânicas, a Suprema Corte de Nova Iorque informa que ele é citado pelo empresário Roy Azim, que teve negócios com ele, por "fraude, falsidade ideológica, infração contratual com intenção de má fé e negligência, infração de dever fiduciário, infração de contrato oral, conversão e delito de relações contratuais e vantagens econômicas".

O valor da ação é de 19 milhões de dólares.

Ouvido em seu escritório em Miami, o senhor Roy Azim referiu-se a Kia Joorabchian, ou seja lá o nome que tiver, como um "iraniano bastardo, desonesto, sem educação, antiprofissional e perigoso".

Azim disse, ainda, que não tem dúvida sobre a estreita relação do iraniano, canadense ou inglês, com o bilionário russo Boris Berezovsky, na verdade o homem que está por trás da tentativa de parceria com o Corinthians.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Os líderes não mudaram. Já os rebaixados...

Foram 37 gols em 12 jogos na 32.o. rodada do Campeonato Brasileiro, mais de três por jogo.

Para isso, três jogos foram fundamentais: Botafogo 4, Paraná Clube 3; Vasco 2, Palmeiras 5 e Santos 4, Vitória 1.

Os três líderes, o Santos, o Atlético Paranaense e o São Caetano, jogaram em casa e venceram, como era previsível.

Já os quatro que seriam rebaixados se o campeonato tivesse terminado, mudaram.

Saiu do incômodo grupo o Botafogo, pela primeira vez. Permaneceram o Guarani, o Paraná Clube e o Grêmio. E entrou o Vitória.

O Atlético Paranaense virou nos últimos três minutos um jogo que parecia perdido para o

Flamengo. Graças a Washington que fez os dois gols e a um erro incrível cometido pelo goleiro Júlio César, atual reserva de Dida na Seleção Brasileira.

Já nos acréscimos, Júlio César abaixou-se para pegar uma bola parada no gramado, se atrapalhou, Washington a roubou e sofreu pênalti do goleiro. Pênalti que Washington mesmo cobrou e fez dele o novo artilheiro do campeonato com 21 gols, um a mais que Alex Dias, do Goiás.

O Goiás que também viveu uma tarde sobrenatural. Jogava com 11 jogadores contra 10 do Corinthians, no Pacaembu. Era toda pressão, porque o Corinthians, além de estar com um a menos, tinha Fábio Baiano praticamente fazendo número em campo, machucado e sem poder ser substituído, pois as três trocas já tinham sido feitas pelos paulistas.

Estava 0 a 0, aos 43 minutos do segundo tempo, quando Valdson, o zagueiro que a Fiel queria ver longe, arrancou pela esquerda e passou exatamente para Fábio Baiano, deixado meio de lado pela defesa goiana.

Pois Fábio Baiano recebeu, avançou dois passos além da linha intermediária e soltou a bomba, com a perna machucada, a direita. A bola entrou no ângulo e decretou a inesperada vitória alvinegra.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Quatro jogos começam a 33o. rodada do Brasileirão no ritmo das eleições

A 33o. rodada do Campeonato Brasileiro começa hoje, às 8h30 da noite.

Vamos ter quatro jogos hoje e mais oito amanhã. Depois, só no sábado, pela 34o. rodada, porque no domingo, 3 de outubro, é dia de eleições municipais pelo país afora.

Os times mais votados nesta terça-feira são os que vão jogar em casa: o Fluminense, que recebe o Galo; o Cruzeiro que recebe o Figueirense; o São Paulo que recebe o Papão e o Coritiba, que recepciona o Grêmio.

Qualquer outro resultado que não seja o de vitória causará sérios estragos na vida dos anfitriões.

O Flu vem de empate diante do lanterna Guarani.

O Cruzeiro vem de derrota para o Papão.

O São Paulo vem de perder do Grêmio e o Coritiba também perdeu para o São Caetano.

O pior é que o Galo não pode perder para o Flu sob pena de acabar a rodada entre os quatro últimos.

O Figueirense precisa estancar a sangria dos últimos jogos, quando despencou e sabe que a situação do Cruzeiro permite sonhar com uma surpresa no Mineirão.

O Paysandu está há seis jogos invicto, com cinco vitórias, risco de zebra para o São Paulo.

E o Grêmio sabe que precisa ganhar do Coritiba para recuperar a confiança definitivamente, depois da boa vitória sobre o São Paulo.

Quer dizer, se a terça feira não é o dia ideal para o futebol, e as eleições impediram que haja jogos na quinta, porque muito perto do sábado, hoje, no mínimo, será uma noite para confirmar favoritismos ou aumentar a taxa de rejeição dos torcedores.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Papão papa sete em noite de 18 gols

O São Paulo tirou a barriga da miséria e deu a maior goleada do Campeonato Brasileiro: 7 a 0 no Paysandu. O Papão volta a Belém do Pará com indignação.

Sete gols no Morumbi e mais seis no Mineirão, no empate entre Cruzeiro e Figueirense, 3 a 3, depois de os mineiros fazerem 2 a 0. Mais uma bobeadada dos campeões brasileiros em casa. E olhe que ainda tiveram ajuda do árbitro que não marcou dois pênaltis para os catarinenses.

Como bobeeou o Fluminense, que só empatou com o Galo no Maracanã, 1 a 1.

E que o tricolor agradeça também à arbitragem que anulou um gol legal do Atlético Mineiro, no finzinho do jogo.

Já o Coritiba fez o que tinha de fazer e ganhou do Grêmio, por 2 a 1, resultado que pode levar o time gaúcho ao último lugar na rodada que será completada hoje com oito jogos.

Os três líderes, Santos, Atlético Paranaense e São Caetano jogam fora de casa, contra o Inter, o Vitória e o Palmeiras.

E, no Maracanã, mais um clássico do povo: Flamengo, de uniforme novo, e Corinthians, que sonha em terminar a rodada em quarto lugar. Para tanto, não só precisa vencer o Mengo, como ainda torcer para que a Ponte Preta não ganhe do Botafogo, em Campinas; para que o Goiás não derrote o Juventude, em Goiania e que o Palmeiras não vença o São Caetano, no Parque Antarctica. Quer dizer, precisa que esta quarta-feira seja dia de São Jorge.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>

Dos líderes, só o Furacão ganhou fora. O Furacão é o único líder

Dos três líderes antes de começar a 33ª rodada, o Santos perdeu para o Inter (2 a 1) e o São Caetano perdeu para o Palmeiras (3 a 1).

Só o Atlético Paranaense venceu fora de casa, 3 a 2 no Vitória.

Resultado: o Furacão é o único líder do Campeonato Brasileiro, três pontos à frente do Santos e, agora, com o mesmo número de vitórias (19) e o mesmo saldo de gols (26). Mais: está nove pontos na frente do terceiro colocado, o São Caetano.

Washington fez mais dois gols, completou 23 e está três gols na frente de Alex Dias, do Goiás.

Goiás que perdeu, em casa, para o surpreendente Juventude (2 a 1) e o time gaúcho subiu para o quarto lugar, com os mesmos 55 pontos do São Caetano e do Palmeiras, que está em quinto.

Flamengo e Corinthians ficaram no 0 a 0 e o rubro-negro mostrou porque tem tomado tantos gols no fim: parece faltar preparo físico, tamanho o sufoco que levou nos últimos cinco

minutos, quando o goleiro Júlio César salvou um gol, Júnior Baiano outro e o travessão mais um.

Seja como for, o Mengo deixou o Vasco para trás, porque na estréia de Joel Santana, o time cruz-maltino perdeu mais uma, agora para o Paraná Clube (2 a 1). O Vasco está só a três pontos do grupo do rebaixamento.

E o Botafogo, ao empatar com a Ponte Preta, em Campinas, 1 a 1, passou a segunda rodada fora do grupo dos rebaixados.

<http://lancenet.ig.com.br/juca/>